



ACADEMIA ESPIRITO-SANTENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA ESPIRITO-SANTENSE DE LETRAS

NÚMERO 29

102
anos

REVISTA DA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

NÚMERO 29

102
anos



PREFEITURA DE
VITÓRIA

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira
(Presidente)

Getúlio Marcos Pereira Neves
(1º Vice-Presidente)

Romulo Felipe
(1º Secretário)

Marcos Tavares
(1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

– PREFEITURA DE VITÓRIA -

Lorenzo Pazolini
(Prefeito Municipal)

Estéfane da Silva Franca Ferreira
(Vice-Prefeita)

Eduardo Henning Louzada
(Secretário Municipal de Cultura)

Elizete Terezinha Caser Rocha
(Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

Francisco Aurelio Ribeiro
[Organizador]

REVISTA DA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

NÚMERO 29

102
anos

SMC

Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria Municipal de Cultura -
Vitória
2023

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2023

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça * Álvaro José Silva * Ester Abreu Vieira de Oliveira
Elizete Terezinha Caser Rocha * Fernando Achiamé
Francisco Aurélio Ribeiro * Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZADOR: Francisco Aurelio Ribeiro

REVISÃO: Dos autores

CAPA E EDITORAÇÃO: Wilbett Oliveira

IMPRESSÃO: Editora Cajuína

FOTO DA CAPA: © Flavia M. R. Setubal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelphi Poli Monjardim (Vitória/ES)

Revista da Academia Espírito-Santense de Letras: 102 anos- Nº 29 (dez.2023).- Vitória, ES :
Secretaria Municipal de Cultura, 2023.
110 p. ; 21 cm.

ISSN: 978-65-85121-73-6
Anual.

Publicação em convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória e a Academia
Espírito-Santense de Letras.

I.Literatura - Espírito Santo (Estado) – Periódicos. I.Vitória (ES).
Secretaria Municipal de Cultura. II. Vitória (ES). Academia Espírito-Santense de Letras.
III. Título.

CDD B869.0852

Distribuição gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelphi Poli Monjardim”
bmunicipalvitoria@gmail.com
55 27 3381.6926

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A ACADEMIA FEMININA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS.....	9
Ailse Cipreste Romanelli	
DISCURSO DE BOAS-VINDAS AO ACADÊMICO FÁBIO SANTOS DAFLON GOMES, À ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS.....	15
Anaximandro Oliveira Santos Amorim	
“BRASIL IMAGINADO”	22
Angelina Muñiz-Huberman	
SAGA DE CORAGEM, HEROÍSMO E MARTÍRIO.....	25
Ester Abreu Vieira de Oliveira	
MANUAL PARA ESTILHAÇAR VIDRAÇAS.....	34
Fábio Daflon	
DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS.....	40
Fábio Daflon	
DOIS POEMAS.....	46
Fernando Achiamé	
A LITERATURA INFANTIL DE ESTER ABREU E A BUSCA DE HARMONIA ENTRE PESSOAS, ANIMAIS E A NATUREZA.....	49
Francisco Aurelio Ribeiro	
DISCURSO DE SAUDAÇÃO A RENATA BOMFIM.....	54
Francisco Aurelio Ribeiro	
B I L O C A Ç Ã O.....	60
Humberto Del Maestro	

O TEMPO E A IMORTALIDADE.....	63
Jonas Reis	
O INTRUSO.....	71
Jorge Elias Neto	
NO ESCURO, ARMADOS.....	75
José Augusto Carvalho	
SERVIÇO	78
Luiz Busatto	
CRÔNICA DE ALÉM-MORTES.....	80
Marcos Tavares	
ÚLTIMO LEVE POEMA DE AMOR DE SÍSIFO.....	84
Oscar Gama Filho	
CALUNDU.....	88
Marilena Soneghet	
PROCURA II.....	89
Oscar Gama Filho	
DOM QUIXOTE E SANCHO NO CAMINHO DE SANTIAGO (SEGUNDA PARTE).....	91
Pedro Sevylla de Juana	
DISCURSO DE POSSE.....	98
Renata Bomfim	
ALTERAÇÃO DO NOME E DO GÊNERO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA.....	106
Solimar Soares da Silva	

APRESENTAÇÃO

A Academia Espírito-santense de Letras (AEL), filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil, é uma associação cultural civil, sem fins lucrativos, cuja sede é a antiga casa do Prof. Kosciuszko Barbosa Leão, onde tem um precioso acervo de obras de escritores capixabas na Biblioteca Saul Navarro.

A AEL, fundada em 04 de setembro de 1921, com a posse dos primeiros vinte acadêmicos em 1923, reorganizada em 18 de julho de 1937, para o número de 30 Cadeiras, e em 1939, aumentada para 40, completou este ano 102 anos de existência.

Esta efeméride foi festejada numa cerimônia singela, no Palácio Sônia Cabral, com a entrega de prêmios para os concursos de conto e poesia, oferecidos aos alunos das escolas públicas estaduais do Ensino Médio, e com a apresentação da cantora Elaine Rovená para alegria dos presentes.

A AEL tem por finalidade o cultivo da língua nacional e das Belas Artes, dentro do espírito de fraternidade que vincula o Espírito Santo aos demais estados brasileiros e países do mundo. Sua logomarca é o convento da Penha, no meio de folhas de louro e o lema latino “Semper Ascendere”.

O site <http://org.br> da AEL, atualizado com frequência pelo acadêmico Pedro J. Nunes, é uma fonte de pesquisa sobre eventos acadêmicos e escritores do nosso Estado.

A AEL visa ao desenvolvimento literário e cultural do Espírito Santo e, na execução de suas várias finalidades, procura divulgar a leitura, incentivar a criação de bibliotecas, promover concursos literários, realizar cursos, e editar publicação literária periódica. Seguindo esse escopo, não poderia deixar de oferecer mais um número anual de sua revista, que com este chega ao nº 29 que foram impressos ininterruptamente.

A atual Diretoria, cujo mandato se iniciou em 2023 e se encerrará em 2025, tem-se empenhado no cumprimento das finalida-

des da Academia Espírito-santense de Letras e, para isso, procura realizar parcerias constantes com os órgãos que coordenam projetos culturais no Espírito Santo, como este apoio que a PMV oferece, via Secretaria de Cultura.

Neste número há colaboração de acadêmicos e convidados. Os vinte e sete textos que formam este número são resenhas, poemas, poesias crônicas e os discursos de posse de Jonas Reis, Renata Bomfim e Fábio Dalfon, e os de acolhimento de Francisco Aurelio a Renata Bomfim e Anaximandro Amorim a Fábio Daflon.

A AEL agradece ao Prefeito Loranzo Pazolino e ao Secretario de Cultura Eduardo Henning Louzada o apoio para a publicação deste número, mediando a parceria com a PMV, aos acadêmicos e convidados que contribuíram com seus textos, bem como a todos os leitores, que se certificarão que os textos de temáticas variadas merecem uma leitura atenta.

Vitoria, 11 de dezembro de 2023.

Dr^a. Ester Abreu Vieira de Oliveira

Presidente da Academia Espírito-santense de Letras

A ACADEMIA FEMININA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ailse Cipreste Romanelli

[Professora e Escritora]

A Academia Feminina Espírito-santense de Letras aqui se reúne hoje, com grande alegria, para receber 16 novas Associadas, ou seja Acadêmicas efetivas que ocuparão oito das nossas quarenta cadeiras e oito Acadêmicas Correspondentes, aquelas que residem fora da grande Vitória.

Afinal, o que é um Academia de Letras? Por que uma Academia Feminina? Já temos a Academia espírito-santense? Por que não juntar as duas Academias? São perguntas que sempre ouço.

As Academias nasceram a partir de pessoas que gostavam de se reunir para trocar ideias sobre os mais diversos assuntos. Talvez a mais antiga seja o grupo de estudos de Sócrates que por volta do ano 500 AC discutia, entre outros assuntos, Ciências, Política e Filosofia. Sócrates fazia suas reuniões na porta do ginásio. Como não se ligava a nenhum dos deuses gregos foi acusado de corromper a juventude e condenado à morte.

Platão, escaldado com a morte do mestre, sabiamente passou a reunir seus alunos nos Jardins de *Academos*, um conhecido herói grego divinizado. Sob a proteção do herói lendário, Platão não foi incomodado e a escola que construiu foi chamada Academia, justamente por estar nos “Jardins de *Academos*”; é considerada hoje a mais antiga universidade da Europa.

As discussões da época, versavam sobre valores sociais, a virtude, o bem, a visão de mundo e, principalmente, a capacidade humana de apreender a realidade. Mas sempre foram grupos predominantemente masculinos. Só que a mulher sempre dá um jeito de aparecer.

A primeira grande transgressora foi Safo, nascida na Grécia, provavelmente, entre os anos 600 e 800 a.C. Pertencia à aristocracia, pois estudou Retórica, Poética e Dança, luxos apenas para quem tinha

dinheiro. Entretanto, a cultura grega era, definitivamente, uma cultura masculina. e Safo ousou desafiar a política educacional da época, criando uma escola para moças, onde se ensinava poesia, dança e a arte das Musas, o que incluía História, Astronomia, Teatro e Oratória.

Além disso, a poesia de Safo era totalmente contrária aos Cânones vigentes. O modelo em voga era o espírito épico de Homero, textos que exaltavam a força, a audácia, a bravura e a coragem, que retratavam campos de guerra, com muita violência, muito sangue, tristeza e morte, tudo descrito de maneira crua e objetiva.

Safo não cantava a guerra, nem a bravura, nem desdenhava a morte. Sua poesia era intimista, falava de sentimentos e emoções pessoais. Criou métrica própria e seus versos hoje são considerados didáticos. Daí em diante, a poesia grega ou não grega, se tornou subjetiva e muito mais humana. No ano trezentos AC, a obra de Safo foi reunida em nove volumes mas, devidamente queimada pela Igreja no séc. IX.

E Safo era mulher. E na Grécia antiga, lugar de mulher era em casa, invisível, sob a autoridade da mãe, depois do pai até o casamento, quando estaria sob a autoridade do marido. Os escritos de Safo incomodaram e ela foi perseguida e exilada.

No tempo de Cristo, vemos o espanto e indignação dos sacerdotes do templo quando Jesus aceitou algumas mulheres em seu grupo e lhes deu voz. Miriam era sua prima e Maria, sua mãe e a grande transgressora Maria Madalena. Todas fizeram parte do seu grupo de estudos à revelia dos costumes de então.

Ao longo do tempo, as pessoas continuariam a se reunir para conversar, para trocar ideias, ou simplesmente estar juntas. Mas as coisas não mudariam tão facilmente; o veto à mulher permaneceu forte.

Na Idade Média, quando se considerava que tudo o que havia para ser conhecido já estava registrado e descrito nas Sagradas Escrituras, as ideias novas, a dúvida acadêmica, a pesquisa, eram consideradas heresia punida com a morte.

Daí o nascimento de pequenos grupos clandestinos, onde se estudava e discutia Literatura, Ciências, Artes, Filosofia e fazer parte dessas sociedades científicas ou literárias era proibido às mulheres. Especialmente por serem reuniões clandestinas.

Desse modo, mesmo quando os controles da Igreja perderam força e surgiram as primeiras Academias de Ciências, no séc. XVII, fazer parte delas continuou uma prerrogativa masculina, agora porque acreditava-se que a mulher não tinha capacidade de pensar.

Tal afirmativa hoje provoca risos ou protestos, mas era levada muito a sério, impedindo até que mulheres ingressassem em certos cursos ou exercessem determinadas profissões.

No séc. XIX, no Brasil, as Universidades não aceitavam matrícula de mulheres. Dona Maria Augusta Generoso Estrela, nossa primeira médica, teve que ir estudar Medicina em Nova York. Tal situação levou o Imperador Pedro II a entrar em guerra com a classe política, para fazer valer seu decreto que autorizava o ingresso feminino nas faculdades brasileiras.

Aqui em Vitória, nos anos 20, Dona Stelinha de Novaes fez concurso para a cadeira de Ciências na antiga Escola Normal Pedro II mas, apesar de ter sido aprovada foi impedida de tomar posse, porque Ciências eram “estudos impróprios para o sexo feminino.”

No Brasil, colonial os índios quiseram que suas mulheres também frequentassem a escola. O Pe. Nóbrega, gentilmente acatou a ideia e pediu autorização à Corte portuguesa. O pedido foi considerado audacioso e a Rainha não permitiu a matrícula das índias “escandalizada com a petulância dos nossos silvícolas”

Por muito tempo as mulheres continuaram proibidas de frequentar a escola. Quando o pai concordava, e podia pagar, a menina recebia aulas em casa, ministradas por um preceptor, em geral um sacerdote, e o conteúdo permitido eram as prendas domésticas e as boas maneiras: leitura, escrita, música, dança, bordado, receitas de doces e ensino religioso, naturalmente.

De modo geral as escolas femininas eram raras e no nosso Estado, entre 1835 e 1854, encontramos referência a apenas três escolas para meninas, que ensinavam Leitura, Escrita, Noções de Gramática da Língua Nacional, as quatro operações aritméticas, Princípios da Moral Cristã e da Doutrina da Religião Católica Apostólica Romana e “prendas que servem á economia doméstica”.

Mas nos anos 30 Vitória já contava com bons estabelecimentos de ensino. Não havia livrarias mas algumas bibliotecas possuíam

bons acervos. Assim, formou-se uma geração de intelectuais, entre eles, um grupo feminino que, além de frequentes em artigos e poesias para jornais e revistas, também se reunia para discutir a vida social, economia, política e, naturalmente, literatura. Conversa de homem, como se dizia.

Faziam parte desse grupo Virginia Tamanini, Annete de Castro Mattos, Judith Leão Castelo Ribeiro, Zeni Santos, Yvone Amorim, Maria Stella de Novaes, Yamara Soneghet, Arlette Cypreste. Aos poucos o grupo foi se ampliando e se fortalecendo. Nossa Academia Feminina nasceu justamente da determinação desse grupo de mulheres que venceu esta e outras barreiras para construir seu espaço onde não só pudessem pensar e sentir, mas também dizer o que pensavam e sentiam.

Em 1948, a Academia Espírito-Santense de Letras já funcionava há muitos anos, eis que foi fundada em 1921. Mas, seguindo a tradição, não admitia mulheres em seus quadros. E Judith Leão Castelo queria ser Acadêmica. Candidatou-se a uma cadeira e, naturalmente, não foi aceita. Se conheci bem, deve ter ficado muito brava! E, segundo a lenda, com sua voz rascante e incisiva deve dito: Vamos fazer uma Academia prá nós!

Em 1939, a distensão já começara, e a Academia Espírito-santense de Letras – AEL, adotou Maria Antonieta Tatagiba como patrona de uma de suas cadeiras. E tanto Judith batalhou que em julho de 1949 na sede da Academia Espírito-santense de Letras – AEL, realizou-se uma reunião preparatória para a criação de uma Academia Feminina. Em agosto do mesmo ano foi constituída a primeira Diretoria que tomou posse em reunião solene, entre Acadêmicos e convidados, efetivando a institucionalização da associação.

Como fundadora, Judith Leão Castello Ribeiro foi a primeira Presidente. Mas apenas por poucos meses. Logo afastou-se porque entrou na política e foi a primeira mulher a se eleger como Deputada Estadual no Espírito Santo; um despautério, nos anos 40. E exerceu com sucesso, quatro mandatos.

A princípio, as reuniões da Academia Feminina aconteciam nas residências das associadas que continuaram a escrever e publicar seus livros e/ou artigos nos jornais e na revista *Vida Capixaba*.

Assim, hoje, aqui estamos nós. Há 74 anos, uma associação cultural sem fins lucrativos, declarada de Utilidade Pública em 1954

A associação tem caráter predominantemente literário, tendo por missão preservar a memória da escrita realizada por mulheres do Espírito Santo, bem como, incentivar as criações literárias em todas as formas, gêneros e estilos, valorizando o exercício da Língua Portuguesa com suas variações e da Literatura em toda as suas manifestações.

Mas o que se faz numa Academia de Letras, além de rimar e sonhar? Trocamos vivências e partilhamos nossos sonhos. Fazer literatura é um exercício de sensibilidade. Não importa saber se o texto cumpriu ou não uma finalidade; o que importa saber é o quanto aqueceu o coração, enriqueceu a mente ou iluminou um instante da vida. Ninguém é cobrado a ter ideias geniais ou corretas, apenas que deixem fluir a criatividade em prosa ou em versos, com rima ou sem rima, ou simplesmente com a presença e a participação.

Em 1951, com a morte da então Presidente Sr^a Anette de Castro Mattos, a Academia Feminina interrompeu sua atividade assim permanecendo até 1992 quando a musicista Maria das Graças da Silva Neves recolheu todo nosso acervo que ainda se encontrava na casa da antiga Presidente e incentivada, e auxiliada por Arlette Cypreste, reorganizou e reergueu a AFESL.

Continuávamos sem uma sede própria, e passamos a nos reunir na Academia Espírito-santense de Letras. Depois usamos uma sala da Escola de Música Villa Lobos, por ser um local mais acessível.

Entretanto, que ninguém pense que, uma vez Acadêmicas, habitamos somente castelos no ar, todo trabalho é concretamente registrado e comunicado, nos livros que publicamos, nos nossos debates, em oficinas e palestras.

Já tivemos um projeto de palestras em escolas de Ensino Médio; recebemos palestrantes capixabas e visitantes; Doutorandas estiveram conosco apresentando seus resultados de pesquisa, e, em 2010, realizamos nosso 1^a Encontro Estadual de Escritoras Capixabas, com lançamento de livros, oficinas literárias e mesas redondas, cujo tema foi “VALORIZAR A PRODUÇÃO LITERÁRIA DA MULHER CAPIXABA E CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO.

No ano seguinte, o 2ª Encontro teve como tema A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO MUNDO DAS LETRAS E DAS ARTES; Depois veio novo Encontro sobre A MULHER LITERATA E O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE e no último encontro, discutiu-se O PAPEL DA MULHER NA CULTURA.

Em todos esses Encontros, durante três dias, o salão da Assembleia Legislativa se encheu com estudantes do Ensino Médio, Universitários e integrantes da comunidade em geral, em contato direto com escritoras dos vários municípios do Espírito Santo.

Depois, partimos para as Feiras Literárias. Fizemos seis Feiras e teríamos feito outras, se a pandemia não nos tivesse dispersado.

Ainda há obstáculos a vencer; continuamos sem uma sede e às vezes temos dificuldade até de conseguir uma sala para nossas reuniões mensais, por isso, muito agradecemos a todos aqueles que nos têm ajudado facilitando-nos o acesso aos recursos que nos impulsionam e nos dão visibilidade.

Seguimos em frente, com a serenidade do saber, a leveza do sonho e a simplicidade da beleza, frutos da imaginação e da criatividade que iguala artistas e sábios.

Sintam-se todos acolhidos e muito obrigada por estarem aqui para compartilhar conosco este momento tão especial! (Em 07/06/2023).

**DISCURSO DE BOAS-VINDAS AO ACADÊMICO
FÁBIO SANTOS DAFLON GOMES, À ACADEMIA
ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, NO DIA 24 DE AGOSTO
DE 2023, NO AUDITÓRIO DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO**

Anaximandro Oliveira Santos Amorim¹

Em algum lugar daqueles agitados anos 1960, o garoto se escondia no porão do casarão colonial de seus pais, no Rocha, Rio de Janeiro, para criar seu próprio mundo, feito de livros, fotos de belidades como Brigitte Bardot, Gina Lollobrigida ou Sophia Loren, e poesia. Filho de um professor universitário de química e ex-combatente e de uma servidora dos Correios, o segundo, de sete crianças, sonhava e vivia entre livros. Do mundo mágico de Monteiro Lobato às narrativas do *Decamerão*, de Bocaccio, várias foram as obras que forjaram o imaginário de um menino que só foi para a Medicina por um detalhe. Seu nome: Fabio Santos Daflon Gomes, carioca, nascido em 09 de fevereiro de 1954, no Hospital dos Servidores, Praça Mauá.

Ainda que eu detenha uma formação em Direito e outra em Letras, confesso sempre ter nutrido interesse e admiração por “médicos-escritores”! Minha curiosidade se pauta na seguinte premissa: pode alguém fazer ciência e, ao mesmo tempo, poesia? A História da Literatura nos nutre de fartos exemplos: Sir Arthur Conan Doyle; Anton Tchekov; Moacyr Scliar; Guimarães Rosa; Pedro Nava... O poeta e filósofo alemão Schiller dizia que, quanto mais estudava Medicina, mais compreendia o Humano. Aquele jovem Fábio, demasiadamente humano e internado após uma laparotomia, consequência de um treino intenso de futebol, conviveu, desde a tenra idade, com o ambiente hospitalar. Assim, após quinze dias de internação e muitos filmes do Dr. Ben

¹ Advogado, professor e escritor. Mestre em Letras pela Ufes. Membro da Academia Espírito-santense de Letras (cadeira 40), do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia de Letras de Vila Velha (cadeira 12).

Case, nasce o futuro médico, tomado pelo desejo de uma percepção antecipatória do outro.

Como em uma boa narrativa literária, a biografia de Fabio Daflon cruza estes três elementos: Medicina, artes e o amor e respeito pelo feminino. Fabio estuda Ciências Médicas na UERJ, vindo, mais tarde, a tornar-se pediatra, que surge da possibilidade de trabalhar e divertir-se, aplicando os conhecimentos clínicos e psicossomáticos em prol do desenvolvimento de pequenos pacientes, além da sua ligação do feminino, aqui, consubstanciado na beleza da maternidade. Na faculdade, Daflon participou do “Musicene”, do Departamento de Música do Centro de Medicina, relacionado ao MAU (Movimento Artístico Universitário). Também frequentou a casa do Dr. Aloísio Porto Carreiro, local frequentado por artistas do calibre de Luiz Gonzaga Júnior, Aldyr Blanc, Ivan Lins e até mesmo o Donga!

O período de vida médica de Fabio Daflon vai, oficialmente, de 1978 a 2005, com muitos êxitos: em 1982, Daflon torna-se, mediante concurso, médico da Marinha, continuando, porém, segundo ele próprio me disse, “o mesmo”. Trabalha no Hospital Nossa Senhora da Glória, no Ministério da Saúde, com saúde indígena; casa-se no Rio, onde nasce a filha Verônica, socióloga; casa-se de novo, na Bahia, onde nasce a sua filha Vivien, publicitária; e, em 2005, dá com os costados nesta terra boa do Espírito Santo, acompanhando cônjuge e terminando um périplo que o fez autointitular-se “carioxabaiano”.

O Fabio médico nasce cedo. O poeta, nem tanto. Foi em 1981 que o “doutor” vira “autor”, com uma obra de nome tão curioso quanto instigante: “Título provisório”. Livro corajoso, que radiografa as transformações da faculdade de Ciências Médicas da UERJ desde uma greve, nos anos 1950, cujo teor é resultado de uma pesquisa nos campos de Ciências Políticas e Jornalismo, tendo recebido o prêmio Nelson Xavier da UBE-Rio, em 2017, quando de sua segunda edição. Entretanto, foi só em 2008, em uma especialização em Literatura na Ufes, que o autor, antes, um ávido leitor de prosa, encanta-se pela métrica, após contato com o Prof. Dr. Wilberth Salgueiro, o Bith.

O poeta nasce pelo soneto. Mais tarde, abraça, também, os versos livres e brancos. A demora compensou: Fabio é escritor prolífico, tendo levado a lume dez livros de sua exclusiva autoria, quais sejam:

“Título provisório”;
“Mar ignóbil”;
“Vagalume-farol”;
“Mar sumidouro”;
“Sovacos”;
“Um sol para Valentine”;
“Mar raso”;
“A poesia de Marly de Oliveira: o limite é o cosmos”;
“Canto gordo”;
“Jeca Tatuado”.

Daflon também é um resenhista de mão cheia, com apurada e sensível percepção, tendo publicado trabalhos em diversas revistas especializadas; o autor também tem alguns títulos em parceria com o irmão, Alberto Daflon Filho, o que comprova que o compromisso com as Letras vem de família.

Seria impossível apresentar uma obra tão completa e complexa por inteiro, neste espaço. Daflon escreve em prosa; verso (sua maior produção); memória; resenha; novela; artigos... Optei por um recorte que privilegia a poesia, levando em consideração, basicamente, duas grandes frentes de sua lavra: o humor e o amor.

Sobre o humor, entendo que o autor retoma uma tradição pouco praticada no âmbito da literatura brasileira produzida do Espírito Santo, mas que já teve grandes adeptos. Fabio Daflon inova, também! Confesso não ser um grande conhecedor do humor nas Letras do nosso rincão, mas sei do trabalho de um Madeira de Freitas, ou, melhor dizendo, Mendes Fradique, na prosa, como em um “Dr. Voronoff”; ou de Paulo Vellozo, Jayme Santos Neves, Guilherme Santos Neves, como no recolhimento “Cantáridas e outros poemas fesceninos”, na poesia. Fabio, ao escrever seu humor, entretanto, possui estilo próprio, lançando mão de uma mitologia própria, em que desfilam personagens como “Jeca Tatuado”, “Xandra Brega”, “Carla Patinete”, “Urso de Prepúcio”, “Stanislaw Bowner” (uma espécie de alter ego do autor) e tantos outros, frutos do chiste e da paródia, recursos usados com excelência pelo autor:

SOU JECA TATUADO, AMO UMA CACHAÇA²,

bebo e ainda fumo cigarro de palha,
tatu subiu no pau, digo não é mentira,
mantenho uns costumes, não só de pirraça,

às vezes fico bravo se o isqueiro falha,
corto tripa de porco e estiro em tira,
sou bastante capiau, essa é a minha graça,
cigarro acendendo em brasa, sem fogo de palha,

odeio gente falsa, que conta mentira,
quem quiser me encarar venha para a praça,
posso muita força, mas não me atrapalha,

somente o amor ao chão o corpo me estira,
tenho minhas leituras, embora sem jaça,
escrevo uns rabiscos, isso nunca falha.

Este soneto, em dodecassílabo, mostra, do ponto de vista formal, certo rompimento com a tradição, usando, nos primeiros quartetos, rimas A, B, C, A, porém, dentro de um esquema de rimas soantes e toantes, com finais em “-aça” ou “-alha”, além de “-ira”, em um jogo fônico que traz, nos dois tercetos, rimas A, B, C, usando dos mesmos jogos fônicos das rimas anteriores.

Quanto ao conteúdo, trata-se de um poema que apresenta o principal personagem do livro homônimo, o “Jeca Tatuado”. É evidente a menção à história do “Jeca Tatu”, comum no imaginário brasileiro e imortalizado na pena de Lobato. Com humor refinado, Fabio, como um arauto do seu tempo, traz, como uma das possíveis chaves de leitura, um poema que brinca com a cultura dos *cowboys* ou *agroboys* e sua mítica consubstanciada nos “sertanejos universitários”, na cultura das botas e chapéus e, claro, nos corpos tatuados dos jovens contemporâneos, o que mostra uma nova “cultura do interior”, sincrética, com elementos urbanos e, desta feita, criticada por aqueles que defendem um ruralismo mais “autêntico”, mais tradicional.

² DAFLON, Fabio. **Jeca Tatuado**. São Paulo: Scortecci, 2022, p. 20.

Fabio Daflon manuseia sua pena com a maestria de mudar do humor ao amor, este, ousado dizer, tema tão universal à poesia. Há, neste contemporâneo, um certo receio quanto ao assunto. Em tempos de engajamento político, muitas vezes, necessário, ou de questões existenciais advindas deste mundo “fragmentado”, segundo o vaticínio de um Agamben, falar de amor sem usar clichês ou pieguices é papel dos bons poetas. Fabio, em seu poema “Mar ignóbil”, nos dá um exemplo dessa lavra:

MAR IGNÓBIL³

O mar ignoto e ignóbil
invadiu as planícies e curvas
que bordam teus seios,

os efluentes dos terminais,
o óleo dos barcos e navios
não eram apenas do viajor,

nem do improvável porto
bafejado por brumas frias
ou hálito quente do verão;

mas impurezas são bem vindas,
amor não é depuração d'água
das ondas espumantes da saliva.

Neste poema, temos quatro tercetos, em versos livres, alguns hepta e outros decassílabos. O texto alterna versos brancos e rimas toantes, como as em “seios” e “navios”; “frias”, “vindas” e “saliva”, conferindo uma musicalidade que muito lembra o marulho das águas. De fato, o campo semântico traz alusões como “mar”; “efluentes”; “barcos e navios”; “porto”; “ondas espumantes”, com imagens bastante encontradas na obra do poeta, o que fez com que a escritora, amiga e confreira Bernadette Lyra alcunhasse o autor de “o poeta do mar”.

³ DAFLO, Fabio. **Mar sumidouro**. Vitória: Cousa, 2014, p. 32.

Quanto ao conteúdo, há um erotismo elegante, na refinada construção do poema, que trabalha, nas imagens náuticas, uma relação de amor heterossexual, em dois momentos: o primeiro, nos três tercetos, com o desenrolar da relação; e o último, após a adversativa “mas”, com o gozo, consubstanciado nas “impurezas bem-vindas” ou nas “ondas espumantes”, também trazem alusão ao prazer, na imagem da “saliva”, a boca como uma imagem erótica, aqui, do Eros propriamente dito, ou seja, do amor, palavra que também consta do poema. Amor, aqui, como *amour* ou *la mort*, ou o gozo, como *la petite morte*, no que o poeta explora os opostos: homem/ mulher; vida/ morte.

Como autor de quilate, Fabio Daflon cria sua própria cosmogonia pessoal, que leva em consideração a filiação à tradição judaico-cristã e ao racionalismo grego, isto é, crê na ética cristã e na percepção do trágico, algo nem sempre ao alcance das religiões, dentro do que existe em seu ponto de vista simbólico. Esta cosmogonia é inspirada em Emilio Mira y López, um cubano-espanhol que lutou contra o fascismo e cunhou os “quatro gigantes da alma”: 1) o amor; 2) o medo; 3) a ira; e 4) o dever. A estes, Daflon adiciona: 5) o desejo; 6) o humor; 7) a dor; e 8) o pensamento. Todo esses gigantes dão a tônica de sua obra, como, por exemplo, o humor em “Jeca Tatuado” e o amor em “Mar sumidouro”, tal como mostrei, acima.

Eu disse, anteriormente, que médicos escritores sempre chamaram minha atenção por se dividirem entre ciência e arte. Obtive minha resposta no dia 17 de outubro de 2013, no auditório da Aliança Francesa de Vitória, quando da entrada do poeta e confrade Jorge Elias Neto⁴, também médico, este, falou: É possível trabalhar e sonhar. É possível a convivência do cientista com o poeta. Pois a poesia começa assim: Emprenhar-se de miudezas;/ deixado as mãos rendidas aos gestos costumeiros. / E quando a luz se aperceber, desmembrada / pelo estalo da palavra, / jogar-se nos trilhos / para salvar a flor.

Na história da nossa centenária Academia, Fabio Daflon é o 12º médico a ter ingresso na casa, sendo precedido por, em ordem alfabética:

⁴NETO, Jorge Elias; DRUMOND, Jô. **Posse do acadêmico Jorge Elias Neto**. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras: Formar, 2014, p. 73.

Archimimo Martins de Mattos
Ciro Vieira da Cunha
Cristiano Ferreira Fraga
Douglas Puppim
Elviro Athayde de Freitas
Jayme Santos Neves
Jorge Elias Neto
José Madeira de Freitas (o “Mendes Fradique”)
José Moysés
Marcos André Malta Dantas
Waldemar Washington de Oliveira

Além disso, Fabio é titular da cadeira 16, da Abrames, Academia Brasileira de Médicos Escritores, cujo patrono é o Dr. Hilário Soares Gouvêa, sanitarista autodidata, organizador do “1º Congresso Nacional do Combate à Tuberculose”. O escritor também detém a cadeira 36, da ALVV, Academia de Letras de Vila Velha, cujo patrono é Jair Amorim, radialista, compositor e radialista. Aqui, uma dupla coincidência: seja por eu também ter assento naquele Silogeu, seja porque tenho parentesco com Amorim, o que faz com que Fabio e eu nos chamemos pela carinhosa alcunha de “primos”.

Dirijo-me, então, neste momento da minha fala, a este primo querido que a Literatura me honrou ter: Fabio, sua entrada nesta casa centenária, na cadeira 37, sucedendo o saudoso acadêmico e amigo José Carlos Monjardim Cavalcante, o nosso sempre “Cacau”, coroa a tradição de termos, em nossos quadros, autores de escol, comprometidos com as Letras. Meu afã, como recipiendário, é não apenas dar as boas-vindas, a um novo companheiro. Nesta Sessão Solene, a Academia Espírito-santense de Letras, em festa, recebe você, para que andemos de braços dados pela tão simbólica imortalidade, às vezes, fardo, muitas vezes, delícia, sempre, compromisso. Seu talento e obra são prova suficiente de que você, primo, está preparado para esta missão. Assim, como o arauto desta casa centenária, nesta noite, eu lhe digo: “Bem-vindo à Academia Espírito-santense de Letras, Fabio Daflon”! Obrigado.

“BRASIL IMAGINADO”

Angelina Muñiz-Huberman

Professora Doutora em Letras. Escritora. Membro
Correspondente da AEL no México.

Hubiera querido estar alguna vez en Brasil, como tantas otras cosas que he querido pero que no han sucedido. Y, sin embargo, de algún modo sí he estado. Es más, desde niña he estado en Brasil. He viajado, he navegado por el río Amazonas, he penetrado en la selva, conozco su historia y su geografía. En una palabra, es como si hubiera estado. Estuve.

Estas son las maneras de mi conocimiento. Ante todo, desde muy pequeña, leí a Monteiro Lobato. Me encantaban las aventuras de Perucho y Naricita, de la muñeca de trapo Emilia, del vizconde de la Mazorca, al lado de doña Benita gran lectora y de la excelente cocinera Tía Anastasia. Me leí la serie completa y me imaginaba que un día los conocería y me uniría a sus aventuras. Claro está que en esa época desconocía lo que supe muchos años después sobre las ideas racistas que ostentaba el autor y también discriminatorias de la mujer. A veces, es mejor no saber y dejar cada cosa en su momento. De estos libros aprendí de historia, de geografía, de literatura, del *Quijote*, de personajes como Hans Staden y hasta de argentinismos, porque la traducción al español que leía estaba publicada en Buenos Aires en 1944 por la editorial América Lee. Libros que aún tengo y que han leído mis hijos y nietas.

Otra de mis lecturas favoritas fue *La jangada: Ochocientas leguas por el Amazonas*, de Julio Verne. Así fui completando el panorama de mi “infancia brasileña”. Tampoco faltó mi visión cinematográfica con la película *Los tres caballeros* y sus protagonistas el pato Donald, José Carioca y Pancho Pistolas.

De los grandes escritores brasileños mencionaré a algunos de mis preferidos: Joaquim Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Clarice Lispector, Nérida Piñón. Ésta última fue miem-

bro correspondiente de la Academia Mexicana de la Lengua, entre otras distinciones.

Siguiendo el orden cronológico quienes sí estuvieron en Brasil fueron mis tíos y una prima en 1940 y en 1948 en los ires y venires de esos años convulsos. Me gustaría pensar que pudieron haber coincidido con Stefan Zweig, a quien también leí tempranamente. Por mi parte, la Guerra Civil Española y luego la Segunda Mundial me hicieron salir al exilio desde la infancia. Había nacido en Hyères, Francia, y en el barco en que íbamos a América supimos que acababa de estallar la que sería llamada Segunda Guerra Mundial. Es más, ese mismo barco, el Oropesa, en uno de sus viajes de regreso a Europa fue hundido por un submarino nazi.

El mar se convirtió en fuente de historias y añoranzas, en lo que separa y une, en un misterio a descifrar. De ahí que Brasil y el mar me atrajeran. La gran costa marina de Brasil me sonreía. Un día, no sé por qué, tal vez porque pensaba en maderas preciosas, asocié el árbol baobab de Porto de Galinhas con el baobab de *El Principito* de Saint-Exupéry. Esos revuelos de la memoria que nunca se queda quieta y si vas tirando de su hilo salen y salen más recuerdos y precisiones. Sin olvidar las invenciones y las imaginaciones, cambiar los hechos para ajustarlos a lo que hubieras querido que sucediera. Disminuir lo desagradable y aumentar lo agradable. Desde luego.

Quiero también mencionar otro precioso árbol que me hace evocar Brasil: la jacaranda o jacarandá. Originario de Brasil llegó a México a finales del siglo XIX traído por Tatsugoro Matsumoto, jardinero japonés, que se aclimató perfectamente y en la primavera florece por toda la ciudad de México y el resto del país. En Cuernavaca se encuentra en toda su plenitud en un hotel llamado Las Jacarandas.

Otra asociación de infancia con Brasil es la de un amigo de mis padres, el coronel de la Guerra Civil Española Mariano Trucharte, que luego de pasar varios años en México se fue a Brasil hacia 1950 porque allí vivía su hija. Solía escribirme y aún tengo algunas cartas con el sobre aéreo y al borde los colores de la bandera brasileña. En cuanto a los sellos, enseguida pasaban a mi colección filatélica. Lo último que supe de él es que se ganaba la vida pintando acuarelas y vendiéndolas. En mis seudomemorias, *Castillos en la tierra*, escribí

un capítulo sobre él. Era todo un personaje: me enseñó álgebra y le encantaban las películas para niños a las cuales solía llevarme. También me prestaba sus libros de Jack London y de James Oliver Curwood.

Pasando a otro tema, en cuanto a la relación con escritores, es de suma importancia mencionar la estancia de Alfonso Reyes como embajador de México y su labor literaria y diplomática desarrollada en Brasil.

El otro extraordinario suceso que me une con Brasil ocurrió después de escribir *Los esperandos. Piratas judeoportugueses... y yo*, cuando tuve la fortuna de que se tradujera por Ester Abreu Vieira de Oliveira y Maria Mirtis Caser y se publicara en Brasil. Poco después, tuve el honor de ser invitada por la propia Ester Abreu Vieira de Oliveira para ser miembro correspondiente de la Academia Espírito-santense de Letras.

Por los misterios del destino y las asociaciones que suelen ocurrir me es muy querida esta especial relación entre Brasil y yo. La añoranza -saudade- se instala en mí y no tengo más qué decir. Obrigada.

SAGA DE CORAGEM, HEROÍSMO E MARTÍRIO

Ester Abreu Vieira de Oliveira⁵

(Cadeira 27. Patrono Afonso Cláudio de Freitas Rosa.
Presidente da AEL)

Existem adversidades bem antigas causadoras de destruição dos seres vivos em nosso Planeta, como algumas enfermidades: a hanseníase, a epilepsia e o câncer, que a ciência moderna vem procurando sanar. Mas existe um flagelo entre nós de ordem espiritual, que nem as religiões e nem a ciência têm conseguido eliminar: a inveja e sua irmã, a avidez pelo que o outro possui. Esse cancro da humanidade provoca as disputas, as guerras que assolam permanentemente a nossa civilização.

Assim, na contemporaneidade, ocasionando uma mobilização entre países, essa sangrenta ferida milenar infesta o mundo com a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, movimento de destaque político internacional, que traz inquietação na política e no comércio de algumas nações. E o mais grave, provoca a morte de incontáveis civis, o desabrigo de crianças em uma tentativa desesperada de saída das pessoas de suas residências, bairros e cidades, buscando hospedagem em outros países, e a destruição de campos férteis que alimentariam homens e animais.

Contudo, não é só ali que acontecem destruições, violência aos homens e contra o Planeta, pelo desejo de tomar aquilo de que o outro dispõe. Por outras partes da Terra ocorrem terrores, conflitos assolando-a com movimentos conflitantes de destruição, fome, dor, exílio e mortes. Nesse caminho está o Iêmen, com mais de uma década em conflito, e com mortes, desnutrição de crianças e falta de atendimento médico, sanitário à população em geral. Nesse cruento devastar segue a Etiópia, na sofrida e majestosa África, e continua na América, no Haiti, e no sul da Ásia está Míamar como palco de batalhas, e, ainda, na Ásia ocidental (Oriente Médio) a Síria onde em cidades do norte a violência aumentou.

⁵ Professora Emérita da Ufes, membro do IHGES, AFESL, APEES, ALB, ACLAPTC, ABH, AIH, AITENSO.

Na História da humanidade, existem registros dramáticos de lutas, de guerras entre tribos e países, pelo desejo de possuir o que é do outro. E, em alguns desses prélios, são destruídas vilas, fortalezas e cidades, por povos mais poderosos militarmente. Desse poder bélico lembramos aqui o dos romanos, conquistando países da Europa, Ásia e África, e escravizando seus habitantes. Entre as suas conquistas, que representam destruição está Massada, no deserto da Judeia, cujo significado em hebraico é fortaleza e seu nome se origina de ter sido uma fortificação construída pelo rei Herodes no ano 30 a.C, no topo de uma colina, nas proximidades do Mar Morto.

Em 72, os romanos, com quinze mil soldados, destruíram essa fortificação de aproximadamente mil pessoas, compostas de homens, mulheres e crianças. Eram seus habitantes judeus os zelotes,⁶ os nacionalistas que eram contrários ao domínio romano em Israel.⁷



Masada

Fonte: Wikipedia.org (2023)

Quando os romanos sitiaram a fortaleza, construíram ao seu redor muralhas que impedissem a saída dos habitantes. Depois de meses bloqueada e persistindo a resistência dos habitantes, eles resolveram fazer uma rampa para se acercar da fortaleza levando o seu arsenal bélico. Porém, os habitantes, ao perceberem que não sairiam vencedores ao ataque dos soldados romanos e como em sua lei era proibido o suicídio, resolveram que cada pai de família mataria os seus e depois tirariam a sorte para que um ficasse para suicidar-se. A morte era a estratégia para não se tornarem escravos dos romanos e para evitarem a humilhação da prisão, o subjugo ao estrangeiro

⁶ Zelote significa zeloso, ou fanático ou cananeu.

⁷

dominador, e para não desobedecerem às Leis Divinas. E, quando o exército romano entrou na cidade, não havia um vivente⁸, e observaram que de fome não morreram, como foi pensado por eles, pois tinham um arsenal de comida e um abastecimento de água o suficiente para mais tempo de encerramento.

Outro exemplo de situação drástica, produto da ambição humana, é a violenta guerra entre romanos e numantinos, num assentamento celtibero, habitado por arévacos, e banhado pelas águas do rio Douro, na província de Soria, na Espanha.

Os celtiberos, ao chegarem à Península, ocuparam lugares dos ibéricos, povos aborígenes em três zonas geográficas com irregularidades culturais e Numancia, com sua heroica destruição, no final das guerras lusitanas e celtibéricas, marcou a separação da proto-história para a história hispânica. E nela pode ser lembrado Viriato, herói português e espanhol que lutou contra os romanos no séc. II A.C.

A fortaleza de Numancia existiu até o século III (133) a.C., quando, até essa data, seguia inexpugnada, pois vinha resistindo com tenacidade, durante anos e até o limite, num combate, muitas vezes, em condições precárias. Foi destruída por Publio Escipión Emiliano incumbido de conquistá-la a mando do Senado Romano.



Ruínas de Numancia
Fonte: Wikipedia.org (2023)

⁸ Segundo uma lenda, os romanos encontraram uma senhora com dois filhos que não quiseram morrer e se ocultaram. Essa é a causa de se saber a respeito de como foi o proceder da morte coletiva.

ESCIPIÓN

Esta difícil e pesada carga
Que el Senado romano me ha encargado,
Tanto me aprieta, me fatiga y carga,
Que ya sale de quicio mi cuidado.
De guerra y curso tan extraña y larga
Y que tantos romanos ha costado,
¿Quién no estará suspenso al acabarla?
!Ah! ¿Quién no temerá de renovarla?
(Cervantes, 1947, p.11)

ESCIPIÓN

Esta difícil e pesada carga
Que o Senado romano me encarregou,
Tanto me constrange, me fadiga e pesa,
Que já me irrita e me tira do sério.
De guerra com percurso tão estranho e longo
E que já levou tantos romanos,
Quem não estará ansioso para acabá-la?
Ah! Quem não temerá renová-la?
(Cervantes, 1947, p.11)

As lutas entre numantinos e romanos começaram em 153 a.C e com valentia, durante anos, eles defenderam sua fortaleza, que dificultava a ida dos romanos à bacia do Douro.

Ubieto (1967, p 26) justifica que os levantamentos que produziram maciços levantamentos contra os romanos e cujo destaque está Viriato (147-139 a. C) eram devido às cobranças monetárias romanas, e aos atropelos de seus representantes.

Mas, como em Massada, em Numancia, os romanos não encontraram ninguém vivo, quando conseguiram escalar a fortaleza.

Cipião, percebendo que pela fome não estava alcançando seu objetivo, conseguiu juntar um exército de 20.000 romanos e mais 40.000 auxiliares, incluindo mercenários. Todos receberam um pesado treinamento, pois como as diversas perdas dos romanos nas lutas com os numantinos deixaram os guerreiros desanimados, resolveu capturá-la em um assalto direto. Contudo, diferente de Massada, a fortaleza que Cipião edificou ao redor de Numancia, não permitiu que tivessem acesso à água e a alimentos e morreram de fome, depois de 15 meses de assédio. Diz a lenda que, quando Cipião com seus soldados entraram na fortaleza encontraram corpos de mães segurando os corpos de seus filhos mastigados, seios de mães sangrantes sugados pelos filhos. As cenas eram tão terríveis que supuseram que, durante o cerco, certa parte da população recorreu ao canibalismo.

ESCIPIÓN

Si no me engaña el pensamiento mío,
O salen mentirosas las señales
Que habéis visto en Numancia del estruendo
Y lamentable son y ardiente llama,
Sin duda alguna que recelo y temo
Que el bárbaro furor del enemigo
Contra su propio pecho no se vuelva.
Ya no parece gente en la muralla,
Ni suenan las usadas centinelas.
Todo está en calma y en silencio puesto,
Como si en paz tranquila y sosegada
Estuviesen los fieros numantinos.[...]

MARIO

¡Oh santos dioses! ¡y qué es esto?

JUCURTA

¿De qué te admiras?

MARIO

De mirar de sangre
Un rojo lago, y de ver mil cuerpos
Tendidos por las calles de Numancia,

ESCIPIÓN

Qué no hay ninguno vivo?

MARIO

¡Ni por pienso!
A lo menos, ninguno se me ofrece
En todo cuanto alcanzo con la vista.

ESCIPIÓN

Salta, pues dentro, y mira, por tu vida.,
Síguele tú también, Jugurta amigo [...]
Mas sigámosle todos.

JUCURTA

No conviene
Al oficio que tienes esta empresa.
Sosiega el pecho, general, y espera
Que Mario vuelva o yo, con la respuesta
De lo que pasa en la ciudad soberbia.
Tened bien esa escala. ¡Oh cielos justos!
¡Oh cuán triste espectáculo y horrendo
Se me ofrece a la vista! ¡Oh caso extraño!

ESCIPIÓN

Se o pensamento não me engana,
Ou são mentirosos os sinais
Que viram em Numancia do estrondo
E lamentável som e ardente chama,
Sem dúvida que receio e temo
Que o bárbaro furor do inimigo
Contra seu próprio peito não se volte.
Já não aparece gente na muralha,
Nem soam as costumeiras sentinelas.
Tudo está calmo e em silêncio ficou,
Como se em paz tranquila e sossegada
Estivessem os ferozes numantinos.[...]

MARIO

Oh santos deuses! e o que é isso?

JUCURTA

Do que te admiras?

MARIO

De ver de sangue
Um vermelho lago, e de ver mil corpos
Estendidos pelas ruas de Numancia,

ESCIPIÓN

Não há ninguém vivo?

MARIO

Nem pensar!
Aliás, ninguém eu vi
Até onde minha vista alcançou.

ESCIPIÓN

Entra, pois dentro, e olhe, por toda a tua vida,
Segue-o também, Jugurta amigo [...]
Mas sigamos-lhe todos.

JUCURTA

Não é preciso
Para o trabalho que tem esta tarefa.
Sossega o peito, general, e espera
Que Mario volte ou eu, com a resposta
Do que se passa na soberba cidade.
Segura bem esta escada. Oh céus justos!
Oh que triste espetáculo e horrendo
Me oferece a vista! Oh ocorrência estranha!

Caliente sangre baña todo el suelo;
Cuerpos muertos ocupan plaza y calles,
Dentro quiero saltar y verlo todo. [...]

QUINTO

Sin duda que los fieros numantinos,
Del bárbaro furor suyo incitados,
Viéndose sin remedio de salvarse,
Antes quisieron entregar las vidas
Al filo agudo de sus propios hierros
Que no a las vencedoras manos nuestras,
Aborrecidas de ellos lo posible.

ESCIPIÓN

Con uno solo que quedase vivo
No se me negaría el triunfo en Roma
De haber domado esta nación soberbia,
Enemiga mortal de nuestro nombre,
Constante en su opinión, presta, arrojada
Al peligro mayor y duro trance;
De quine jamás se alabará romano
Que vio la espalda vuelta a numantino,
Cuyo valor, cuya destreza en armas
Me forzó con razón a usar el medio
De encerrarlos cual fieras indomables
Y triunfar de ellos con industria y maña,
Pues era con las fuerzas imposible,
Pero ya me parece vuelve Mario.
(Cervantes, 1947, p.63-64)

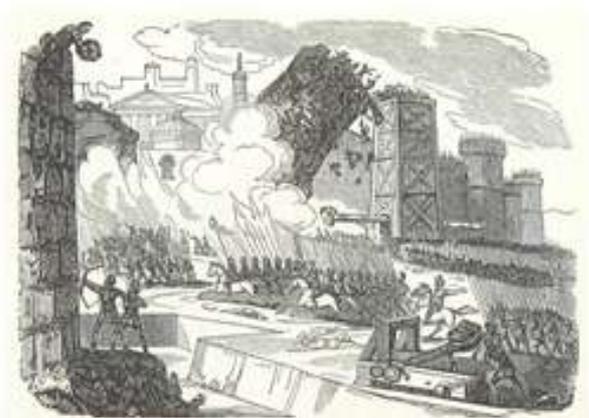
Quente sangue banha todo o chão;
Corpos mortos ocupam praça e ruas,
Para dentro quero saltar e ver tudo. [...]

QUINTO

Sem dúvida que os feros numantinos,
Do seu furor bárbaro incitados,
Vendo-se sem remédio de salvar-se,
Antes quiseram entregar suas vidas
Ao fio agudo de seus próprios ferros
Que às nossas mãos vencedoras,
Por eles desprezadas.

ESCIPIÓN

Com um só que ficasse vivo
Não se me negaria o triunfo em Roma
De ter dominado esta nação soberba,
Inimiga mortal de nosso nome,
Constante em sua opinião, valente, ousada
No maior perigo e duro compromisso;
De quem jamais se gabará romano
Que viu um numantino dar as costas,
Cujo valor, cuja destreza em armas
Me forçou com razão a usar o meio
De encerrá-los como feras indomáveis
E deles triunfar com indústria e manha,
Pois era com as forças impossíveis,
Mas já me parece o Mário volta.
(Cervantes, 1947, p.63-64)



Cerco de Numancia
Fonte: Wikipedia.org (2023)

A povoação tornou-se, então, um símbolo da luta contra os romanos e, hoje em dia, é um monumento nacional espanhol.

Sobre Numancia, Miguel de Cervantes escreveu a tragédia *El Cerco de Numancia*, aproximadamente em 1581. Miguel de Cervantes Saavedra, autor da imortal obra *Don Quijote de la Mancha*, nasceu provavelmente em 29 de setembro de 1547 na cidade de Alcalá de Henares, cidade universitária de Castela, na Espanha, e morreu em 22 de abril 1616, em Madrid. Participou da batalha de Lepanto, defendeu a Espanha contra o Império Otomano, mas teve ferimentos graves no peito e sua mão esquerda terá sido inutilizada ou mesmo amputada, durante a sua participação na guerra. Mas ainda com a limitação física, serviu ao Rei da Espanha, por alguns anos, como soldado. Foi capturado e levado à Argélia em 1575, quando tentava regressar à Espanha na companhia do irmão, Rodrigo. Na obra de teatro *A vida em Argel*, comédia escrita em 1580, que é uma crítica à escravidão e à intolerância religiosa, ele conta a história de dois cristos, capturados pelos mouros, e em *Numancia* (1581) e, mesmo na famosa obra *Don Quijote de la Mancha*, há exemplos de sua experiência bélica

Nas suas obras em que mescla o cômico, o lírico e o trágico, a mais conhecida é *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Quanto às obras poéticas, destacam-se *La Galatea*, *Dos Canciones à la Armada Invencible*, ainda que inseridas em outras obras veem-se se poemas com várias cadências e formas métricas. Seus sonetos são considerados seu melhor trabalho, especialmente “*Al Túmulo del Rey Felipe en Sevilla*”. Citamos algumas novelas: *A Galatea* (1585), *Novelas Exemplares* (1613), *A Ciganinha*, *Rinconete e Cortadillo*, *O Juiz dos Divórcios*, *O Ciumento estremenho*, *O Licenciado Vidraça*, e *Os Trabalhos de Persiles e Sigismunda* (1617). Quanto às obras de teatro, além de *Numancia* (1585), apontamos: *A Conquista de Jerusalém*, *O Galardo Espanhol*, *O grande Sultão*. *O Labirinto do Amor*, *Pedro de Urdemalas*, e o *Rufião Feliz*. Entre os entremeses, lembramos: *El juez de los divorcios*, *El retablo de las maravillas*, *El rufián viudo llamado Trampagos*, *La elección de los Alcaldes de Daganzo*, *La guarda cuidadosa* *El vizcaíno fingido*, *El retablo de las maravillas*, *La cueva de Salamanca*, *El viejo celoso*.

El cerco de Numancia teve um grande êxito no século XIX, na época romântica, naturalmente, pelo ponto de vista histórico e o sentido de liberdade representado pelo povo numantino, que preferiu a morte a ficar sob o domínio romano. A obra está composta por quatro “jornadas”, cinquenta e um personagens e sete figuras simbólicas. No primeiro ato, atuam general e soldados romanos, numantinos embaixadores, a Espanha, o rio Douro. Espanha mostra-se infeliz, apresenta os diversos povos que nela exploraram suas riquezas: fenícios, gregos e, agora, os romanos, atraindo a cobiça dos bárbaros. Ela pressente o perigo dos numantinos pelo cerco ferrenho, nunca visto e solicita ajuda do Douro para fechar-lhes o caminho.

Mas ¡ay!, que el enemigo la ha cercado,
No sólo con las armas contrapuestas
Al flaco muro suyo, mas ha obrado
Con diligencia extraña y manos prestas
Que un foso e por la margen conectado
Rodee a la ciudad por llano y cuestas;
Sólo la parte por do el río se extiende,
De este ardid nunca visto se defiende.

(CERVANTES, 1947, p. 20)

Mas ai! o inimigo a cercou,
Não só com as armas contrapostas
Ao seu fraco muro, mas trabalhou
Com surpreendente diligencia e mãos rápidas
Para que um fosso pela margem conectado
Rodeie a cidade pela planície e montes;
Só a parte por onde o rio se estende,
Deste ardil nunca visto se defende.

(CERVANTES, 1947, p. 20)

No segundo ato, a encenação é da vida na cidade sitiada. São numantinos conversando, sacerdotes fazendo bruxarias e premonições, pessoas mortas pela fome, presença de casal apaixonado e sofrido devido à separação pela guerra e suas consequências. No terceiro ato, os romanos se preparam para o ataque e aparecem numantinos, mulheres e crianças e surge a decisão de morte: “Todos, al fin, al doloroso paso/ vendremos de la muerte arrebatada” (p. 32). No quarto ato, ocorre o trágico fim dos numantinos. Mas Cervantes dá a essa tragédia heroísmo. Um jovem que ainda vivia e os romanos queriam prendê-lo, convencendo-o a render-se, atira da torre, proclamando que o seu intento era de amor à pátria, dando maior sensacionalismo à tragédia. E fechando-a, a simbólica Fama declarará que o ato dos valentes numantinos ficará na eternidade, e exorta os romanos a abaixarem a cabeça, envergonhados de que um jovem tenha demonstrado um tão grande amor à pátria e de os terem frustrado de não levar um só numantino para cantarem a sua vitória:

[...] en tan pequeña edad arrearos
El triunfo que pudiera tanto honraros,
Que yo soy la Fama pregonera,
Tendrá cuidado, en cuanto el alto cielo
Moviere y vigor al bajo suelo,
A publicar con lengua verdadera,
Con justo intento y presuroso vuelo,
El valor de Numancia único solo,
De Batri¹⁰ a Tile, de uno a otro polo
indicio ha dado esta no vista hazaña
del valor que en los siglos venideros
tendrán los hijos de la fuerte España,
hijos de tales padres herederos. [...]
(CERVANTES, 147, p. 68-69)

[...] Tão jovem os arrebatou
O triunfo que pudesse tanto honrá-los,
Pois eu sou a arauta Fama,
Terá cuidado, quando o alto céu
Movesse e fortalecesse aqui embaixo,
Para publicar num idioma verdadeiro,
Com justa intenção e rápido vôo,
O valor unicamente de Numancia,
De norte a sul, de um a outro polo
indício deu esta nunca vista façanha
do valor que nos séculos vindouros
terão os filhos da forte Espanha,
filhos herdeiros de tais pais. [...]

Por outro lado, enquanto a tradição popular conta que os romanos não encontraram ninguém vivo em Numancia, Cervantes coloca um rapaz e, para dar maior dignidade ao valor dos numantinos, ele se mata para não se entregar aos vitoriosos romanos, os historiadores colocam que Escipão levou alguns numantinos presos e em Roma pôde fazer uma demonstração deles acorrentados para exibir a sua vitória. Assim trouxe a paz para Roma, extinguindo um povo.

Finalmente, *El cerco de Numancia* (1947) que Miguel de Cervantes leva ao teatro, com a trágica saga de numantinos, é um mostruário de uma tragédia, ainda que o dramaturgo ofereça dignidade a personagens humildes, que defendem com orgulho a sua própria honra e conseguem a fama mediante um suicídio coletivo, a morte dos aldeões não passou de um resultado de ambição desmedida, de bestialidade humana que acarretou consequências drásticas. Logo, com essa obra, Cervantes, de certa forma, exemplifica, no teatro, as consequências das guerras que, de certa forma, no decorrer da humanidade ocorreram e, infelizmente, esse espetáculo horroroso continua na atualidade.

REFERÊNCIAS

CERVANTES. Miguel de Saavedra. *El cerco de Numancia*. Madrid: Espasa-Calpe, 1947, p. 11- 69.

UBIETO, Antonio. *Introducción a la historia de España*. Barcelona: Ed Teide, 1967.

¹⁰ Batria (Báctre) 2.000 anos AC, norte Afeganistão. Tile, ilha no extremo norte no mar Báltico, na geografia medieval, é um lugar distante.

MANUAL PARA ESTILHAÇAR VIDRAÇAS

Fábio Daflon¹¹

Uma só Lei para o Leão
& o Boi é opressão.

[William Blake]

O livro *Manual para estilhaçar vidraças*, de Jorge Elias Neto, evoca leituras anteriores de dois livros. São eles *Matrimônio do céu e do inferno* (1), de William Blake (1757-1827) (1), e *O grande divórcio* (2), de Clive Stheban Lewis. Em seu livro, no prefácio, Lewis escreve-nos a respeito do que pensou do livro de Blake:

Blake escreveu **O casamento do céu e do inferno**. Se eu escrevi sobre o seu divórcio, não é por me considerar antagonista à altura de tão grande gênio nem por certeza absoluta do que Blake queria dizer. De certa forma, porém, a tentativa de realizar esse matrimônio é perene, baseada na crença de que a realidade nunca nos apresenta absolutos inevitáveis de “uma coisa ou outra” [...] (1).

Em relação à religiosidade, existem três tipos de pessoas: o religioso, o místico e o agnóstico. Lewis representa, essencialmente, o religioso. Daí a sua dificuldade de falar, literariamente, se excluirmos dogmatismos, sobre o que seria tal casamento. O céu e o inferno, extremadamente, representam as margens mais distantes do que é apolíneo e do que é dionisíaco. E essa é uma questão muito mais relativa à estética, daí a aceitação por parte de Lewis da genialidade de Blake.

¹¹ Oficial da reserva da Marinha no honroso posto de capitão de mar e guerra médico, médico Classe A aposentado do Ministério da Saúde, escritor. Fez especialização em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo. É membro da Academia Espírito-santense de letras, da Academia Brasileira de Médicos Escritores e da Academia de Letras de Vila Velha. Como escritor, é essencialmente poeta, tendo publicado os seguintes livros de poesia: *Mar ignóbil*, *Mar sumidouro*, *Vagalume-Farol*, *Mar raso*, *Um sol para Valentine*, *Canto Gordo*, *Sovacos: poesia sob os braços*, *Jeca Tatuado*. É coautor do livro *Vento Passado – memórias do recruta 271* – escrito com Alberto Daflon. Como ensaísta, é autor dos livros *O limite é o cosmos* – a poesia de Marly de Oliveira.

O livro *Manual para estilhaçar vidraças*, de Elias Neto, consegue uma aproximação entre o dionisíaco e o apolíneo, o que para Blake seria o matrimônio do céu com o inferno, uma vez que o autor consegue, magistralmente, usar céu e inferno como significantes de apolíneo e dionisíaco, embora seu livro seja a apologia do dionisíaco, o combate à repressão. Algo assustador para Lewis.

Desde o título do livro, *Manual para estilhaçar vidraças*, é possível perceber o manual como trabalho de carpintaria, ao mesmo tempo que os títulos de todos os poemas começam com a palavra “Manual”, proporcionando-nos ênfase e persuasão relativamente a cada poema do conjunto.

Vejamos alguns títulos:

Manual da nobre arte de erguer monumentos (p. 11);

Manual para matracas sem credo (p. 54);

Manual acalorado do espírito (p. 78);

Manual da única certeza (p. 99);

Manual do caminho das águas (p. 105);

Manual sobre manuais (p. 123), último poema do livro.

No conjunto da obra, percebemos que o significante geral do livro é o da aproximação entre o apolíneo e o dionisíaco, aproximação essa que ocorre ora pelo amor, ora pela dor ou outros sentimentos representativos da condição humana. Não há esgarçamento entre o que é apolíneo e o que é dionisíaco. Embora haja um belíssimo poema sobre a dor (“Manual para um repentista de facas”, p. 39), nada é catarse, nada é retenção.

No poema “Nobre arte de erguer monumentos”, há duas estrofes reiterativas ao dito acima.

Eis a primeira (p. 11):

Lançar é um movimento
de resgate.

Eis a segunda (p. 13):

A falha não é crer:
é se apropriar.

Creio que o se apropriar criticado tem relação maior com o ser tomado do que com o se apropriar, de fato, de algo. Deus fora do espelho é mais real, e o diabo também. Em literatura, o belo nunca é narcísico, muito menos o que é apolíneo, demandante do equilíbrio, muito menos o dionisíaco, se descambado cabalmente para o que é orgiástico, sadista ou degradante.

Em seu ensaio *O princípio poético* (3), Edgard Allan Poe (1809-1849) nos sugere o seguinte óbice, não aplicável à obra-prima de Blake, de domínio dionisíaco, nem aplicável ao Manual para estilhaçar vidraças:

Mas é preciso observar que um poema só merece este título enquanto emociona elevando a alma. O valor do poema está na razão dessa emoção exaltante. Mas todas as emoções são, mediante uma necessidade psíquica, transitórias. Aquele grau de emoção que habilitaria um poema a ser assim chamado de qualquer modo não pode ser mantido em uma composição de grande tamanho. Passada meia hora, no máximo, ela se abate, falha, segue-se uma reação, e então, com efeito, e de fato, o poema não é mais tal.

Se tanto o dionisíaco quanto o apolíneo podem causar exaltação ao ponto de a palavra escatológica poder ser elevada ao que há de mais positivo ou negativo em seus significantes, exaltamos que o óbice de Poe pode ser uma certeza falível.

Quantos poemas permanecem na perenidade, na eternização do nome de seus autores? Poe, em seu ensaio *O princípio poético*, foi um dos precursores do pensar sobre a poesia pura, algo a que me referi ao escrever pequeno texto sobre o livro *A arte do zero*, de Elias Neto.

O *Manual para estilhaçar vidraças* também é referido à poesia pura, na qual se procura a verdadeira natureza das palavras. O verbo “estilhaçar” do título do livro não possui o significante da entropia, estilhaça apenas o que não é poesia, para que o não poético não caiba em qualquer linha, verso, estrofe ou poema do livro.

Não há telhado de vidro nos poemas nos quais alguém possa lançar a primeira pedra. No poema “Manual para igualar horizontes”, duas estrofes chamam mais atenção. Eis a primeira (p. 14):

Estender a noite
sobre a teia de intrigas.
Eis a segunda (p. 15): Corromper a esfinge
com o desejo do ócio.

Em seu livro *A ousadia do poema* (4), Costa Lima (1937) escreve o seguinte:

Para Heidegger, a poesia (no sentido amplo da arte) é um instrumento privilegiado na revelação do Ser dos entes. Ao contrário do que o Ocidente pensara desde os gregos, o Ser já não se confunde com algo simplesmente situado “atrás” da substância ou habitante de uma região mais estável daquela em que os entes proliferam, mas, sim, o que se revela apenas instantaneamente para que logo retome à sua situação de velado (*verbogen*).

Mais claramente que Poe, Heidegger nos põe a caminho de uma compreensão melhor da poesia de Elias Neto. No poema “Manual de se enveredar em caminhos”, na quarta estrofe (p. 17), o poeta nos fala de caminhos:

Preparar saltos,
conter a fadiga.

Poeticamente nos diz sobre o que deixa velado: a fadiga! Ou o cansaço ou a desesperança que a poesia não deixa acontecer em prol da expressividade do Ser.

Na última estrofe do poema “Manual criacionista – uma probabilidade de distopia” (p. 82 e 83), Elias Neto comove-nos com uma referência a Poe:

Meio bote da serpente
no primogênito do corvo,
e, sendo o coito e o veneno

a mistura da Besta nas ancas
da virgem,
resta o blefe do degredo,
o rolar do pecado
e seu bote de morte.

O primogênito do corvo é a autodefinição do poeta. Blake é o pecado sem culpa, ou o dionisíaco inimputável, em sua genialidade, Poe e Elias Neto se contrapõem a Blake, procuram tornar o dionisíaco representativo da beleza em seu sentido aristotélico. Isso fica mais claro ainda na segunda estrofe do poema “Manual para fazer bola de goma de mascar”:

Dissimulada leveza
de ser de vícios.

Ariano Suassuna (1927-2014), em seu livro *Iniciação à estética* (4), no capítulo 4, sob o título “Teoria Aristotélica da beleza”, faz um contraponto à visão idealística de Platão, que preconizava o dito “a Beleza é o brilho da verdade”, enquanto Aristóteles oferece sobre a questão da beleza, como harmonia e proporção, uma compreensão muito mais clara:

[...] Aristóteles abandona inteiramente o idealismo platônico, no que se refere à Beleza, como em outros campos. Segundo seu pensamento – cujo organismo genial foi chamado por Bergson de “a filosofia natural do espírito humano” – a beleza de um objeto não depende da sua maior ou menor participação numa beleza suprema, absoluta, subsistente por si mesma no mundo suprassensível das Essências puras. Decorre, apenas, de certa harmonia, ou ordenação, existente entre as partes desse objeto entre si e em relação ao todo.

Fazer o poético a partir da tensão (balança) entre o céu e o inferno em seus significantes não é a mesma coisa que tentar aproximar o apolíneo do dionisíaco, do ponto de vista do Ser. Isso é o que consegue Elias Neto em seu livro: a aproximação ou o significativo equilíbrio da Beleza. Esse feito possui unicidade e é essa unicidade

um mérito raramente conseguido.

Concluo, a partir da leitura do livro, que Deus é mais real fora do espelho e que a Essência pode coabitar com a realidade da vida sem que o Diabo a carregue ou tente possessão de quem quer que seja.

Ao fim do livro, sob o título “Posfácio para um manual”, Ítalo Campos afirma: “[...] há um suor que advém do trabalho artesanal de bater as palavras no imenso mar da língua, tesouro de significantes” (p. 125).

Campos está certo. O que teríamos a acrescentar é que o livro *Manual para estilhaçar vidraças*, de Elias Neto, é um livro corroborativo de alguns dos textos de teoria literária mais relevantes para a compreensão do que é poesia. Não cabendo no espaço fora da leitura falar sobre todos os significantes do livro num texto cuja honrosa pretensão é a de apenas apresentá-lo aos amantes da verdadeira poesia.

REFERÊNCIAS

BLAKE, William. *O matrimônio do céu e do inferno seguido de O livro de Thel*. Introdução e tradução de José Antônio Arantes. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2020.

COSTA LIMA, Luiz. *A ousadia do poema: ensaios sobre a poesia moderna e contemporânea brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

ELIAS NETO, Jorge. *Manual para estilhaçar vidraças*. Vitória: Cousa, 2021.

LEWIS, C.S. *O grande divórcio*. Tradução de Elissamai Bauleo. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

POE, Edgar Allan. *O princípio poético: poemas e ensaios*. Tradução de Oscar Mendes, Milton Amado; revisão técnica e notas de Carmen Vera Cirne Lima; posfácio de Charles Baudelaire. 4. ed. revista. São Paulo: Editora Globo, 2009.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Fábio Dalfon

Excelentíssima Senhora Presidente da Academia Espírito-Santense de Letras, professora Ester Abreu Vieira de Oliveira, autoridades presentes e dileto público,

Em genuflexão e com o coração em festa dirijo-me, na condição de acadêmico, pela primeira vez aos confrades e ao público; faço-o como o médico-escritor Pedro Nava fazia ao referenciar-se às pessoas ilustres, fossem elas luminas da medicina ou das letras, colocando-se sempre no primeiro pronome do singular (Eu) em substituição ao seu nome, após a citação dos nomes de todos.

Refiro-me, agora, aos ilustríssimos acadêmicos que me antecederam na cadeira n. 37 (José Francisco Monjardim Filho, José Carlos Fonseca, e José Carlos (Cacau) Monjardim), todos eles sob a égide do patrono Antônio Cláudio Soído (Vitória 1822 – Cuiabá 1866). Sobrenome que dá nome a uma rua na Praia de Santa Helena, Vitória e a um lugar em Domingos Martins.

Soído, esse era o seu nome de guerra, egresso da Escola de Marinha do Rio de Janeiro, foi um dos mais distintos oficiais da nossa Armada. Em mil oitocentos e cinquenta e sete, instaurou a navegação pelo rio Paraguai, franqueada pelo tratado de 6 de abril de 1856; o rio, antes, era considerado inavagável.

Foi comandante do vapor Maracanã. Foi à Europa acompanhando os guardas-marinhas, posto equivalente aos dos cadetes, como professor da turma do quarto ano/ quarta turma. Para depois, ao adquirir antiguidade na carreira, ocupar importantes comissões e comandos.

Participou da Guerra do Paraguai como contemporâneo do oficial-médico Carlos Frederico dos Santos Xavier Azevedo, ilustríssima figura da história médico-cirúrgica da Esquadra Brasileira, na

campanha do Paraguai, a respeito da qual escreveu o primeiro livro de medicina de guerra do Brasil.

Alberto Claudio Soído chefiou a flotilha de Mato Grosso. Pelos atos de heroísmo em Tonelero, recebeu a comenda de São Bento de Aviz e a de Oficial Superior da Ordem Imperial Rosa. Foi comandante de operações da esquadra no rio da Prata; e por último exerceu o comando do Batalhão Naval.

Como poeta, publicou vários poemas na Imprensa do Rio de Janeiro. Soído foi o introdutor do romantismo no Estado do Mato Grosso. Recito um poema humorístico do patrono; sob o título Melindres:

Tantos dotes e a força da cachaça
A todos destruía juntamente!
Porque a beleza já tirava a graça,
Multiplicava a do metal luzente,
E tornava o inglês um descontente,
Tanto pode ó cachaça e força tua
Mas em Byron também andava a lua...

O escritor-navegante Antônio Cláudio Soído traduziu livros de Byron e Victor Hugo, sob os respectivos títulos Corsário e Para os pobres. E, além de patrono da cadeira N. 37 da Academia de Letras do Espírito Santo, também foi patrono da cadeira N. 4 do Instituto de Geografia Militar do Brasil e da cadeira N. 12 da Academia Mato-grossense de Letras.

História de vida excelsa.

O primeiro ocupante da cadeira n. 37 pertence à família Monjardim cuja ascendência é europeia, havendo registro da presença de familiares nos limites de Gênova, nos primeiros lustros do século dezesseis. O confrade Leonardo Monjardim publicou livro sobre a história política da família Monjardim e, de fato, a presença do espírito público é marca indelével dos Monjardim.

José Francisco Monjardim Filho (J.F. Monjardim Filho), capixaba, nascido em Vitória, teve sua formação primária na cidade natal, mudou-se para o Rio de Janeiro e foi aluno do Colégio Pedro II. Formou-se advogado em mil novecentos e trinta e seis. Em Vitória lecionou Direito Penal e Internacional, na Faculdade de Direito.

Foi fundador e primeiro diretor da Escola Técnica de Comércio de Vitória. E o que é uma cidade sem seus comerciantes, sem seus projetos econômicos, sem a pujança dos seus mercadores e mercadorias? Os grandes homens deixam um legado social para sempre.

Chegou a ocupar o cargo de Juiz da 3ª Vara Criminal. Foi afastado por motivos políticos, quando Carlos Lacerda advogou no Fórum do Rio de Janeiro.

José Francisco Monjardim Filho publicou vários estudos jurídicos na imprensa vitoriense, sobretudo em A Tribuna. Não tenho cabedal para comentar assuntos judiciários.

Isso não me impede de seguir adiante.

Falo, agora, sobre o segundo ocupante da cadeira n. 37 da academia. Trata-se também de homem possuidor de espírito público. José Carlos Fonseca nasceu em mil novecentos e trinta e um. Foi Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, advogado, jornalista. Ocupou os cargos de deputado estadual e federal, jornalista, secretário de estado do Espírito Santo e vice-governador.

Apesar das inúmeras atividades políticas que desempenhou, nunca abandonou a literatura. Teve suas crônicas compiladas por Miguel Marvila no livro *Brasil por todos os lados*. Marvila coloca-o entre os grandes cronistas capixabas. Suas crônicas são de circunstância, isto é, falam sobre os grandes problemas nacionais da época. Nelas há um tom pessoal de envolvimento com os fatos demonstrativo da labuta sincera.

Em seu livro, José Carlos Fonseca discorre sobre a indústria cafeeira, evolução do sistema partidário brasileiro, habitações populares, próceres políticos. O seu perfil é o do homem conservador e respeitador dos adversários, chegando a considerar favoravelmente as contribuições de agremiações políticas a que não se alinhava.

Seu livro de poemas chama-se Tempo de sonho. E o poema do livro escolhido para ser declamado é uma quadra.

A rima é pérola rica
No belo colar do verso;
Quanto mais rara mais fica
No pescoço do universo.

O meu antecessor imediato, que tanto fez pelo Espírito Santo. Falo do terceiro ocupante da cadeira n. 37, é autor do slogan “moqueca é capixaba, o resto é peixada!”. Trata-se de José Carlos (Cacau) Monjardim Cavalcanti. Natural do bairro de Fradinhos, Vitória. Foi bacharel em Direito, administrador de empresas e jornalista profissional, tendo dirigido jornais, revistas e emissoras do Espírito Santo, além de ter pontuado como publicitário, homem de marketing e técnico em turismo.

Presidiu durante cerca de dez anos a Empresa Capixaba de Turismo e a Empreendimentos Minas-Espírito Santo. Exerceu as funções de secretário de estado da Comunicação Social, subsecretário de estado do Turismo, subchefe da Casa Civil, diretor do Sistema Financeiro Banestes e secretário municipal de Turismo e Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Vitória. Foi membro do Conselho Estadual de Turismo, do Conselho Estadual de Cultura, do Conselho de Administração da Fundação Cultural do Espírito Santo e diretor-executivo da Fundação Jônice Tristão. Foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia de Artes e Letras de Cascais (Portugal).

Na essência foi um homem de relações públicas calcadas no amor à terra. Divulgou as artes na Fundação Jônice Tristão, rompeu com o espírito insular de Vitória, elevando a cidade a um patamar turístico não conhecido antes dele, fosse isso por razões históricas-geográficas ou demográficas.

Como jornalista liderou expressiva fase da imprensa capixaba, assinando colunas diárias como “Coquetel da Cidade” (A Gazeta), “Poltrona B” (O Diário) e “Turismo” (A Tribuna), além de produzir programas radiofônicos, reportagens, artigos e crônicas para jornais e revistas nacionais e internacionais.

No rol de obras publicadas, alinham-se: *Turismo e desenvolvimento* (1973), *Turismo no Espírito Santo* (1974), *Segredos da cozinha capixaba* (1974), *Horóscopo turístico* (1984), *História e estórias da aguardente* (1985), *Capixaba, sim* (1987, 2ª edição 2006), *Capixaba, hoje mais do que ontem* (2006), *Sucessos e sorrisos* (2010). Não encontrei todas.

Quando lançou seu livro *Cozinha capixaba*, em 1974, o ponto pioneiro de maior expressão foi o Restaurante São Pedro, do Hercílio. O primeiro cartaz que fez, com o slogan: moqueca só capixaba, o resto é só peixada, foi ilustrado com imagens feitas no Restaurante São Pedro. A partir desta iniciativa promocional, a moqueca ganhou expressão nacional, transformando-se numa simpática identidade capixaba.

Em suas crônicas, com alguns temas semelhantes aos abordados por José Carlos Fonseca, entre eles o tema cafeeiro, com singular menção ao café Conilon, criado para, qualitativamente, superar perdas de áreas de plantio de café. Meu antecessor traçou a fisiografia desta terra, como se nada tivesse deixado de ser visto, vivido, sentido.

No livro *Palcos e atores*, escreveu lista das coisas em que o Espírito Santo é, insofismavelmente, o melhor ou o maior; cito apenas algumas:

- Melhor capital para crianças até seis anos;
- Primeiro Centro de Reabilitação de Aves de Rapina;
- Primeiro criador de povoamentos florestais;
- Maior importador de vinhos;
- Maior produtor de mármore e granito;
- Maior fabricante de arcos de violino.

Sobre Cacau Monjardim; Bernadette Lyra escreveu justo elogio: “Todos nós devemos ao Cacau um apreço sem preço. Todos nós devemos a esse PHD em Espírito Santo aquele reconhecimento que só se deve a alguém que, de fato, e não por interesse pessoal ou vaidade, fez algo que arrancou o nosso Estado do esquecimento e dos abismos da falta de identidade.”

Ninguém esmiuçou tanto o Espírito Santo como Cacau Monjardim, divulgando as belezas do Estado, sua culinária, seus costumes; fazendo inclusive mais que isso no cultivo de amizades profundas e operosas em prol do amor sentido por esta terra e no sentido que o amor pode dar a uma vida. Enalteceu os artistas. Criticou poderosos. Reconheceu os méritos de quem os teve, fossem esses de que ramo de atividade, criticou poderosos.

Raros são os homens capazes de, durante a vida, viverem como se estivessem no paraíso. Cacau Monjardim foi um deles. Desenhou, a partir dos detalhes da terra, todas as suas belezas e qualidades.

Foi grande o seu espírito federativo. Trouxe nomes nacionais, como o de Ziraldo, a falar do Espírito Santo, e de seus monumentos naturais de inspiração divina.

Cacau era um dos integrantes do chamado Clube dos Legais, reunindo a velha guarda de jornalistas e profissionais da imprensa. Sua sociabilidade agregadora sempre o pôs como ícone da publicidade e do colunismo social construtivo de liames forte entre as pessoas das quais falava ao povo e o povo. Gênio!

Apresentados o patrono e os ocupantes da cadeira N. 37, Antônio Claudio Soído, J.F. Monjardim Filho, José Carlos Fonseca, Cacau Monjardim e eu, agora, é o momento de começar os trabalhos na Academia Espírito-santense de Letras.

Viva Guanania – a ilha do mel – ! Viva a terra capixaba!

De minha vida de médico trago o orgulho de não possuir nenhuma anotação negativa em minha carteira de registro médico, e lá se vão quarenta e cinco anos de formado; da vida de oficial da marinha só guardo lembranças boas dos tempos de embarcado no contratorpedeiro Mato Grosso e dos tempos das organizações de saúde de terra, tempo de deslocamentos, inclusive na Ação Cívico Social (ACISO), quando tive a satisfação de, algumas vezes, ir aos rincões da terra atender os pequenos pacientes.

Viajei a costa brasileira desde o porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, ao de Cabedelo, na Paraíba, não cabe mencionar todos os portos. O porto de Vitória é um dos mais bonitos!

Em todos os hospitais civis em que trabalhei recebi a gratidão dos pacientes e o reconhecimento dos colegas. No amor só é bebida a embriaguez.

Tudo é contentamento. Esse meu sentimento é a alegria, na hora em que o que mais ele representa é a honra, ao tomar assento da cadeira n. 37 da Academia Espírito-santense de Letras. Falo alto e bom som! Viva a Academia Espírito-santense de Letras!

Boa noite a todos. Muito obrigado.

DOIS POEMAS

Fernando Achiamé

Nasceu em Colatina (ES), em 1950. Integra o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e a Academia Espírito-santense de Letras. Poemas extraídos da obra “Memorandos para a tribo”, no prelo.

Destinos Desatinos

Como começar o poema?

Narciso e Madalena...

Não há um só início nem um só fim.

Dia e noite ventos mexem
em águas e areias de Itapemirim.

Tudo vira símbolo.

O Campo fértil.

A Vila no sol.

O mar na Barra.

O Céu assim.

Narciso Araújo

Cor da pele discriminada

Narciso Araújo

Cachaça que tomou sem fim

Narciso Araújo

Príncipe dos Poetas Capixabas

Narciso Araújo

Vida com um ou outro sim

Amor negado é maior e fica
igual ao de Madalena Pisa.

Retrato dele no camafeu

que carregou a vida inteira.
Carga embutida e pesada
nos versos que o Poeta deixou
salvos do fogo pela fiel Amada

Paixões kardecistas em plano espírita.
Viagens dentro do infinito de si mesmos.
Tem Eternidade para quem nela acredita.
De um deus pagão somos a psicografia.

Não há um só início nem um só fim.
Narciso e Madalena...
Como terminar o poema?
(2006)

Ler

Não sei ler plantas de arquitetura
Ideogramas do mandarim
Nem sequer simples partituras

Não decifro equações matemáticas
Muito menos fórmulas farmacêuticas
Receitas alquímicas e culinárias

Sem contar os signos cuneiformes
Hieróglifos egípcios e maias
Árvores da Mata Atlântica
Murmúrios de suas folhas
Cantos de aves amazônicas
Cores das suas penas
E a escrita Linear B dos micênicos

Analfabeto em muitas línguas
Leio bons poemas
Eles sempre crescem algo
Ao que não sei ler
(2021)

A LITERATURA INFANTIL DE ESTER ABREU E A BUSCA DE HARMONIA ENTRE PESSOAS, ANIMAIS E A NATUREZA

Francisco Aurelio Ribeiro

(Professor e Escritor. Presidente de Honra da AEL)

Ester Abreu Vieira de Oliveira nasceu em Muqui, em 31 de janeiro de 1933, há noventa anos. Graduada em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Espírito Santo (1960), Especialista em Filologia Espanhola (Madri), Especialista em Português Superior – Universidade de Lisboa (1968), Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1983), Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) fez Pós-doutorado em Filologia Espanhola – UNED - (Madri - 2003). É Membro do Colegiado do Programa de Pós-graduação - Mestrado e Doutorado em Letras – Estudos Literários – UFES, desde a sua criação, em 1994, e sempre atuou na área de Letras, produzindo e ensinando teatro, poesia e narrativa da literatura hispânica, tanto a brasileira quanto a espanhola.

É pesquisadora da Linha de Pesquisa POÉTICAS DA ANTI-GRADUADA À PÓS-MODERNIDADE (PAP), líder do grupo de Pesquisa CNPq: Estudos de literatura hispânica: caminhos e tendências. Tem participado como representante de instituição em comissões e conselhos culturais estaduais e municipais. Possui centenas de trabalhos publicados (impressos, on-line e CDs) em revistas especializadas, em jornais e em anais de congressos com temas referentes às línguas e às literaturas espanhola e brasileira e, ainda, livros didáticos e infantis, tradução de obra, livros de poesia, de crônicas e de ensaios. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras, Cadeira 27, sendo sua Presidente deste 2019, à Academia Feminina Espírito-santense de Letras, Cadeira 31, ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, à Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo (Membro fundador), à Associação Brasileira de Hispanista (Membro

fundador), à Asociación Internacional de Hispanista, à Asociación Internacional del Teatro Español y Novo Hispano – AITENSO.

Páginas e páginas seriam necessárias para descrever as atividades curriculares da Professora Ester Abreu, mas vou destacar aqui uma parte de sua extensa obra produzida nestes noventa anos de profícua existência: a literatura escrita para crianças. Ester sempre se destacou, modestamente, no mundo predominantemente masculino das letras e da docência no ensino superior, por sua garra, determinação, inteligência e sensibilidade, e, sobretudo, por sua postura e palavra de mulher, a marca da diferença neste mundo conturbado por guerras e tragédias sociais, violências geradas, quase sempre, pelo poder masculino. A guerra da Ucrânia é um triste exemplo disso. Afinal, já escreveu Svetlana Aleksievitch, a primeira jornalista a ganhar um Prêmio Nobel de Literatura, A guerra não tem nome de mulher. Filha de pai bielorusso e mãe ucraniana, Svetlana nasceu em Stanislav, Ucrânia, em 1948, e em seus livros descreve os horrores do desastre de Chernobil, em 1986, e das guerras em sua região, hoje devastada pela fúria ensandecida de Putin e seus comandados.

A extensa obra literária, científica e didática de Ester Abreu se iniciou com *Português para estrangeiros*, 1981; *Antologia poética de cidades brasileiras*, 1985; *Poetas brasileiros de hoje*, 1986, e em dois livros publicados com muitas dificuldades, *Momentos e Ibéria dividida*, ambos em 1988. Em 1994, alguns de seus poemas foram traduzidos para o francês e publicados na antologia *Quelques chose d'elle*, de edição suíça. Momentos, seu primeiro livro de poemas, ganhou menção honrosa na AEL, em 1986, prêmio publicação do DEC, em 1982 e elogios dos acadêmicos Elmo Elton e Luiz Busatto. Segundo o orelhista da obra, “Os cinco momentos e ecos de Momento representam o homem com seus cinco sentidos despertos, seus sonhos, gostos, memórias, recordações e inquietações atávicas”. Em estudo crítico publicado em 1990, destaquei a valorização da memória, da tradição, do lirismo sentimentalista, sem piegas, dos poemas de Ester Abreu, numa época de desconstruções, ceticismo, descrenças, desilusões. Ester é a poeta da esperança, da ilusão, da valorização da vida, da simplicidade, do sentimento, que não passa, apenas, pela vida, mas que a vive. Em *Ibéria dividida*, coloca em poemas, a duplicidade que sempre marcou suas pesquisas daqui e dalém mar: Brasil/

Europa, Portugal/Espanha; colonizado, colonizador. Certa vez, me confessou ter a alma dividida. Todos nós, cara Ester, a temos. É fruto de nossa consciência de abismo que herdamos com a modernidade.

Depois dessas, muitas outras obras foram publicadas, em diferentes gêneros literários: ensaios, crônicas, poesias e literatura infantil. Essa se iniciou com a publicação de *O lagarto medroso do jardim*, publicado em espanhol/português pela Editora Ao Livro Técnico em 1999, republicado pela Editora Imperial Novo Milênio em 2008 e pela Opção Editora que, em 2018, publicou uma nova versão bilíngue intitulada *O lagarto amedrontado do jardim*; em 2018, saiu o livro *O coelhinho e a onça / El conejito y el jaguar*, pela editora Cajuína, SP. Em 2019, *Uma família feliz* foi publicado em português/espanhol e português/pomerano pela Editora Formar. E, em 2022, coube à Editora Jordem publicar *Surpresas em um domingo*, também em e-book.

Em *O lagarto medroso do jardim*, narra-se a história de um lagarto que, ameaçado por uma criança, fica escondido em sua toca, com medo de sair e aproveitar o dia. Mas um animalzinho do jardim vê toda a cena e ajuda o bichinho que está sendo apedrejado. Apoiado pelo novo amigo, o lagarto volta a ser livre e o menino, refletindo sobre seus atos, muda seu comportamento. Em *O Coelhinho e a Onça*, tudo estava em harmonia na casa da vovó, e um coelhinho saiu da toca para aproveitar o sol e se alimentar. Enquanto interage com os outros animais do sítio, surge do rio uma onça, que tenta pegá-lo. Os macacos o alertam do perigo e aparece o tio Artur que afugenta a onça. O coelho volta pra sua vida calma e à noite vai dormir em sua toca, pois não há mais perigo.

Em *Surpresas em um domingo*, as irmãs Olívia, Júlia e Alice gostavam de passear no parque com a vovó, mas, naquele domingo, ela não pôde ir e o tio Pedro as levou. Lá, brincavam com o que havia, mas Alice, muito travessa, foi pedalando até uma casinha no meio do lago para ver os ovos da pata que fizera um ninho ali. Ao chegar, se assustou, pois viu dois olhos redondos e um vulto perto do ninho. O tio e o vigia do parque ouviram seu grito e pedalaram até lá. Era um gambá que queria comer os ovos e fugiu ao ver os adultos. Passado o susto e para acalmar Alice, o tio levou as meninas para ver os outros animais do parque e seus filhotes. Passearam nos pôneis e foram

lanchar, sob uma árvore. Enquanto o tio tirava um cochilo, as meninas foram explorar uma cabana ali perto. Lá, encontraram uma linda princesa, uma sereia e uma bruxa. Assustaram-se, mas elas disseram que eram artistas se preparando para uma apresentação da peça teatral “A sereia que salva a princesa”, convidando-as para assistir ao teatro. As meninas saíram correndo para acordar o tio dorminhoco, ansiosas para assistir à apresentação.

O que se pode observar nos quatro livros para crianças de Ester Abreu é que o mundo é apresentado para as crianças como uma utopia possível de ser realizada. Os conflitos existem, crianças mal-educadas podem machucar lagartos, coelhos indefesos podem ser pegos por onças famintas e gambás são animais assustadores para crianças, se alimentam de ovos de aves, mas nem por isso devem ser mortos. A realidade é mostrada às crianças suavizada pelo filtro ideológico do mundo que se quer passar às crianças, em que a violência cede lugar à harmonia e à fantasia. Afinal, já nos disse Cecília Meireles, em conferência de 1949 publicada em *Problemas da Literatura Infantil* (Summus Ed, 1979): “O livro infantil, se bem que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que o adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público”.

A literatura escrita para crianças, desde a sua origem, na Antiguidade Clássica greco-latina (se considerarmos as fábulas) ou, na Idade Média (se levarmos em conta os contos maravilhosos ou contos de fadas), foi sempre marcada pelo desafio de se encontrar “palavras e sentimentos” adequados que pudessem estabelecer um diálogo salutar escritor/leitor, como nos disse Clarice Lispector, outra escritora famosa, que também escreveu para as crianças.

A literatura infantil é marcada, ‘a priori’, por um adulto (escritor / editor / crítico / pai) que a direciona a uma criança (leitora/receptora) do texto a ela dirigida. Em poucos momentos da história, pôde a criança escolher o que fosse melhor para ela por si mesma e, mesmo se o fizesse, o gosto da criança por determinada obra de leitura é, quase sempre, comprometido com uma visão do adulto que a direciona para tal obra ou escritor. Ana Maria Clark Peres afirma sobre isso:

“[...] creio ser impossível negar que a relação criança/literatura vem se efetivando, na maioria das vezes, em bases rigorosamente postuladas por adultos que se julgam detentores de um saber sobre a criança.” Daí provém o eterno vínculo da Literatura escrita para crianças com o pedagógico, o moralesco e o adultismo. As histórias são escritas, em sua maioria, para transmitir valores, conceitos, lições, visões de mundo que são predominantes em determinadas épocas.

Creio que se pode ler os quatro livros infantis de Ester como releituras de fábulas tradicionais imortalizadas por Fedro ou Esopo ou, ainda, como reescritas de clássicos como Alice no País das Maravilhas, pois a curiosidade de Alice é que a leva a desvendar o mundo e seus mistérios. Creio, ainda, que a literatura infantil de nossa querida Ester retome o conceito milenar de um “ensinamento útil sob o adorno ameno”. Seus livros, escritos em português, espanhol e pomerano, certamente encontrarão leitores contemporâneos que, vivendo num mundo extremamente violento, tecnicista, desumano, como o atual, encontrarão neles o sonho possível da convivência harmoniosa entre pessoas, animais e a natureza. E dela e de sua obra, eu concluo com as mesmas palavras de Cecília Meireles ao comentar a obra de Selma Lagerlöf, a primeira escritora a ganhar um Prêmio Nobel de Literatura: “Não é uma principiante, nem uma escritora qualquer que se arrisca a essa alta aventura: é alguém que conhece cada palmo de sua terra e da alma de sua gente. [...] E alguém que sabe usar as palavras com maestria, pela vasta experiência de uma longa carreira literária”.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO A RENATA BOMFIM

Francisco Aurelio Ribeiro
(Presidente de Honra da AEL)

Bem-vinda, Renata Bomfim, à Academia Espírito-santense de Letras, a ‘Casa Kozciusko Barbosa Leão’, que é também a ‘Casa Laura Madeira de Freitas’, pois ambos foram os doadores de sua residência como sede permanente da nossa centenária associação cultural. Foram eles que nos deram um teto, sem o qual estaríamos ao léu, como se encontra a AFEL, há mais de setenta anos. ‘Sororidade’ é uma palavra recente no dicionário e ainda não assimilada por e todas. Você é uma digna sucessora da jornalista Jeanne Bilich, que nos deixou, precocemente, há um ano, e nos causou uma lacuna imensa. Jeanne foi uma pioneira nos meios de comunicação, a primeira mulher a apresentar telejornais e a comandar programas de entrevistas, ocasião em que a conheci pessoalmente, e onde iniciamos uma amizade que durou duas décadas, tempo muito curto para tão enriquecedora convivência. Jeanne dividia com os amigos as leituras de Hobsbawm, Sontag, Arendt, Houellebecq, e tantos outros escritores e pensadores da contemporaneidade, abrindo, generosamente, as portas de sua fabulosa biblioteca. Era uma delícia ler suas crônicas publicadas em A Gazeta, depois, editadas em livros para alegria de seus ‘sagazes leitores’.

Renata Bomfim, doutora em Letras, nasceu na Ilha de Vitória, em 1972. É uma ativista na causa ambiental, atua como gestora de projetos socioambientais e criou a Reserva Natural Reluz, com o objetivo de proteger o remanescente capixaba da Mata Atlântica, onde desenvolve trabalhos de educação e proteção ambiental, em parceria com o marido, Luiz. Preside, também, o Instituto Ambiental Reluz, de cuja diretoria também faço parte, junto com Ester. Na área da literatura, fez pesquisas em Portugal, focando os estudos na poetisa Florbela Espanca, e na poesia ibero-americana, sobretudo a de Rubén Darío. Presidiu a Academia Feminina Espírito-santense de Letras, período em que também realizou a 6ª Feira Literária Capixaba, na Ufes.

Como escritora, além de fina ensaísta, Renata é, essencialmente, poeta. Seu último livro, “O Coração da Medusa”, foi premiado no edital da Secult, em 2021; antes dele, publicou “Mina”, em 2010, “Arcano Dezenove”, 2011 e “Colóquio das Árvores”, 2015. Possui publicações em antologias no Brasil e no exterior e é fundadora da *Revista Literária Letra e Fel*, on-line, desde 2007. É professora universitária, ex-presidente da AFESL e membro efetivo do IHGES. Renata é uma mulher do seu tempo, militante política engajada nas causas sociais, uma árvore que dá frutos. Por isso, recebe críticas, como todo mundo que se atreve a contrariar o *establishment*, neste país onde as diferenças sociais estão entre as mais gritantes do mundo.

Renata é a décima-quarta mulher a entrar na Academia Espírito-santense de Letras, desde a pioneira, Judith Leão Castello, em 1981. Atualmente, elas são oito, dentre os quarenta ‘imortais’, um quinto do total. E não é fácil para as mulheres entrarem na Academia. O preconceito contra elas e a misoginia como ranço acadêmico são, também, uma herança greco-latina. Célebres são os aforismos de Eurípedes, “Odeio a (mulher) inteligente; é antes nas espertas que Afrodite inocula o pecado; as imbecis são preservadas dos desejos loucos pela curta extensão da inteligência” e de Petrônio: : “Confia o teu barco aos ventos, mas não confies tua alma às meninas, porque a onda é mais segura que a fidelidade da mulher”.

Na Idade Média e no Renascimento, houve várias academias literárias e artísticas, mas com função didática, eram simples escolas. A Academia, como a conhecemos hoje, sem fins didáticos e como uma agremiação de poetas e de prosadores, constituída por um número específico de membros e com o objetivo geral de cultivar as letras, as artes e a ciência, nasceu no período Barroco, no século XVII e primeira metade do XVIII. Uma das precursoras das Academias foi a rainha Cristina, da Suécia, filha de Gustavo II Adolfo, que reinou de 1632 a 1654 e viveu de 1626 a 1689. Muito culta, protegeu as letras e as artes, atraindo para sua corte numerosos eruditos, dentre os quais Descartes. Abdicou em 1654, seguindo com sua turma de artistas e poetas para Roma, onde viveu seus últimos dias, no cultivo da arte. Converteu-se ao catolicismo e foi a primeira mulher a ser enterrada junto com os papas, no Vaticano.

Todavia, foi na França do Cardeal Richelieu que, em 1634, fundou-se a Academia Francesa, modelo para todas as outras. Em 1628, surgiu em Lisboa a primeira Academia, a dos Singulares, a que se seguiram várias outras, segundo Afrânio Coutinho. No Brasil, o movimento academicista proliferou nos principais centros do Brasil-Colônia, em Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, dentre as quais a Academia Brasílica dos Esquecidos, fundada em 1724, na Bahia, a Academia dos Felizes, Rio de Janeiro, 1736, a Academia dos Seletos, Rio de Janeiro, 1752, a Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos, Bahia, 1759, a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, 1768 e a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772.

Alguns nomes de mulheres escritoras chegam até nós, a partir do século XVIII. Dentre eles, o de Teresa Margarida da Silva e Orta (1711-1793), nascida em São Paulo e tendo ido para Portugal ainda menina com a família. É considerada a primeira romancista em língua portuguesa. Teve uma vida cheia de percalços e de intensa atividade intelectual. Mulher inteligente e culta, foi colaboradora do Marquês de Pombal e teria escrito a Relação abreviada de 1759, que trata da expulsão dos jesuítas. Em 1771, Teresa Margarida foi presa e encarcerada no Mosteiro de Ferreira Alves, onde ficou sete anos, tendo composto um poema épico-trágico e centenas de máximas, cujos manuscritos só foram publicados em 1993, em *Obra Reunida*. Sua obra mais conhecida, no entanto, é *Aventura de Diófanes*, cuja primeira edição, dedicada a D. Maria, princesa-infanta, saiu em 1752. No Brasil, a primeira edição é de 1945.

No século XIX, muitas mulheres se destacaram na literatura brasileira, sendo as principais: Nísia Floresta (1810-1885), a primeira feminista, Maria Firmina dos Reis (1825-1917), a primeira romancista, Narcisa Amália de Oliveira Campos (1852-1924), poeta, jornalista e professora, a primeira a se profissionalizar como jornalista. Admirada e caluniada, rebelde, foi abolicionista e lutou em defesa da mulher e dos oprimidos. Publicou um livro de poesias, *Nebulosas*, em 1872, não tendo mais conseguido publicar pelas perseguições que sofreu na imprensa. Foi admirada pelo imperador Pedro II e por Machado de Assis, dentre tantos outros intelectuais de sua época.

Com o objetivo declarado de se dedicar à “cultura da língua e da literatura nacional”, fundou-se, em 1896, no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras, constituída por quarenta membros, como a Academia Francesa em que se baseou, sendo todos homens. De acordo com os estatutos da ABL, “só podem ser membros da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros da Literatura, obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário”. Durante mais de oitenta anos, a ABL impediu a entrada de mulheres em seu meio, interpretando os “brasileiros” do seu regulamento como, exclusivamente, os do sexo masculino. Lúcio Mendonça (1854-1909), um dos seus idealizadores e membro fundador, chegou a advogar a entrada de mulheres no grupo inicial, chegando a afirmar que três escritoras de nome Júlia mereciam essa honra: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), consagrada romancista, com várias obras publicadas; Francisca Júlia (1871-1920), poetisa parnasiana paulista reconhecida por seus pares e Júlia Cortines (1863-1948), poeta fluminense e professora famosa, que publicou seu primeiro livro de poesias, *Versos*, em 1894, com Prefácio de Lúcio Mendonça, e *Vibrações*, em 1905, recentemente editados pela ABL.

Quando a Academia Espírito-santense de Letras foi fundada, em 1921, não foi escolhido nenhum nome feminino. A escritora capixaba Guilly Furtado Bandeira, já acadêmica no Pará desde 1913, não foi lembrada para compor o sodalício, embora um de seus primos, Manoel Pimenta, estivesse entre os primeiros acadêmicos. Outros nomes de mulheres escritoras só se destacariam mais à frente como Maria Stella de Novaes, Maria Antonieta Tatagiba, Haydée Nicolussi, Lidia Besouchet, Ilza Dessaune, Judith Leão, Virgínia Tamanini. Em 1937, quando foi reformulada, na gestão de Archimimo Matos, a Academia Espírito-santense de Letras passou para quarenta o número de suas cadeiras, mas, ainda assim, nenhuma mulher foi convidada a preencher uma delas. Somente o ocupante da cadeira 32, o prof. José Paulino, teve a sensibilidade de invocar o nome da poetisa Maria Antonieta Tatagiba (1894-1928) como a Patrona de sua cadeira. Em seu discurso de posse, homenageou a primeira poetisa capixaba a ter um livro publicado, *Frauta Agreste*, em 1927, imortalizando-a nos anais da Academia.

Em 1949, foi criada a Academia Feminina Espírito-santense de Letras, com o apoio da AEL, uma forma engenhosa para acomodar as escritoras e afastá-las da “Academia dos homens”. Judith Leão Castello Ribeiro (1898-1982), professora catedrática da Escola Normal Pedro II, a primeira mulher eleita deputada para a Assembleia Legislativa, em 1947, reeleita em quatro legislaturas, foi a primeira Presidente da Academia Feminina Espírito-santense, e a primeira mulher a ser eleita para a Academia Espírito-santense de Letras, em 1981, falecendo no ano seguinte. Em seu discurso de posse, intitulado “Recompensa”, fala da honra em abrir as portas daquela então sexagenária instituição para as mulheres.

Depois dela, se seguiram a professora, historiadora e romancista Neida Lúcia Moraes (1929), em 1984, na vaga de Clóvis Rabello. A terceira foi a poetisa e romancista Virgínia Gasparini Tamanini (1897-1990), em 1986, sucedendo a Cícero Moraes. A quarta foi a professora Anna Bernardes da Silveira Rocha, (1927-2021), sucedendo a Guilherme Santos Neves, em 1990. A quinta foi a professora e poetisa Ester Abreu Vieira de Oliveira, nascida em 1933, sucedendo ao também poeta Roberto Almada, em 1996. É a atual Presidente da Academia Espírito-santense de Letras. A sexta foi a poetisa Magda Regina Lugon, nascida em 1944, também em 1996. A sétima foi Maria Helena Teixeira de Siqueira (1927-2010), em 1996. Foi a primeira mulher Presidente da AEL, de 2002 a 2004. A oitava foi a musicista Maria das Graças Silva Neves, nascida em 1949, Presidente da AFEL de 1992 a 1996, em 1999. A nona foi a poetisa e ensaísta Maria Beatriz Figueiredo Abaurre, nascida em 1937, em 2002. A décima foi a cronista e ensaísta Jô Drumond, nascida em 1951, eleita para a vaga de Antônio José Miguel Feu Rosa, em 2008. Depois dessas, tomaram posse na AEL Wanda Maria Bernardi Capistrano Alckmin, em 2012, a jornalista Jeanne Bilich, em 2013, e Bernadette Lyra, em 2017.

Renata Bomfim é a décima-quarta acadêmica a entrar nos umbrais da nossa Academia e a primeira a suceder outra mulher. Dos 179 Patronos e Acadêmicos da AEL, desde 1921, apenas 14 são mulheres, número bastante pequeno, se comparado à importância que as mulheres têm no cenário cultural e artístico do Espírito Santo. Essa representatividade mínima não é diferente, se lembrarmos

que, também na Assembleia Legislativa, as mulheres capixabas são quatro, dentre trinta; no Congresso Federal, duas, dentre dez, e no Senado, nenhuma. No Espírito Santo, nunca se elegeu uma Governadora e só houve uma Desembargadora no Tribunal de Justiça. Em 2018, elegeu-se, pela primeira vez, uma Vice-Governadora. A luta pela afirmação política e social das mulheres ainda é constante e o cenário é apenas um pouco melhor do que o vivido pelas mulheres do século XIX, que não poderiam se destacar, para não se tornarem “mulheres públicas”.

Parabenizo-a, também, por ter escolhido este espaço para a sua posse, o Centro Cultural Triplex Vermelho. A AEL deve ir aonde o povo for e o empossando escolher. As últimas posses de acadêmicos foram no Palácio Anchieta, em 2021; no auditório da *Rede Gazeta*, em 2022, e no do IHGES, também em 2022. Este novo espaço, onde estamos, escolhido por você, é o símbolo de um novo tempo na cultura capixaba e na democracia brasileira, que resiste, apesar dos ataques antidemocráticos dos saudosos da ditadura e do arbítrio. Tempos fraturados, em que não se respeitam diferenças, crenças, cores, credos. Você, Renata, é porta-voz desses tempos fendidos e sua poesia é afirmação dessa luta, da resistência feminina e democrática contra a opressão masculina, além da causa ambiental. Encerro, citando o fecho de seu poema “Litania à serpente, dedicado “às mulheres deste novo mundo”: “Estou aqui, /mulher e múltipla! /Exijo o que,/ pelo desejo, me pertence: /(Esse e aquele)/ O homem, a criança, a mulher,/ o bicho, a planta, a mata,/ a pedra, a água, o ar, a água, o espírito,/ desamparados e indigentes. / Preciso repovoar o mundo,/ dar novos nomes a tudo e,/ para Eros, missão precisa:/ flechar a si mesmo!”. (In: *O Coração da Medusa*. 2021. P.18). Muito obrigado.

BILOCAÇÃO

Humberto Del Maestro

(Pertence à cadeira 20 da AEL)

Era uma quarta-feira como outra qualquer, céu cinzento prometendo chuva. Vinha eu pela avenida sobrecarregado de compras, pelo menos uns doze quilos. Como a distância do supermercado até meu edifício fosse de aproximadamente trezentos metros, já se faziam sentir braços e pernas; respirava fundo e suave por todos os poros, mesmo seguindo com vagar, quando, sem suspeitar, dou de frente com minha nora, esposa de meu filho Alfredo, que residiam em um município situado no noroeste do Estado. — Cleusa, disse-lhe alto, o que faz aqui em Vitória a estas horas sem avisar e ela, encarando-me como se não me conhecesse, respondeu-me asperamente: — Qual Cleusa qual nada; meu nome, acredito é Marina, e estou procurando pelo meu automóvel, que estacionei em uma destas ruas e não consigo encontrar. E por falar nisso, quem é você; que diz me conhecer?

Encarei-a espantado, com estes olhos de ancião dentro dos setenta, mas sem nenhum problema, redarguindo-lhe: -Será que você se esqueceu do Júnior, como todos me chamam amistosamente. — Por que não se recompõe e segue até minha residência e mostrarei as fotografias suas com meu filho e netos!? — Por acaso você não sofreu algum acidente, para estar assim esquecida?

— Esquecida, eu, nem pensar. Disponho de uma ótima memória. Então perguntei-lhe onde residia e ela ficou na dúvida, meio confusa, sem orientação. Nesse momento, pela segunda vez, pedi-lhe que me acompanhasse até o prédio onde residia e de lá iríamos telefonar para meu filho, pedir maiores explicações sobre sua presença ali, naquele momento, e por sua suposta amnésia.

Ela concordou resmungando, vendo que eu estava cansado e, sem que imaginasse, ajudou-me a levar boa parte das compras, que já me castigavam os sofridos músculos.

Ao chegar ao apartamento e abrir a porta, foi uma dificuldade fazê-la entrar, porque desconfiava de tudo. A vizinha, residente em frente do meu domicílio, ajudou-nos com as sacolas e me perguntou quem era ela, quando lhe disse ser minha nora, que viera me visitar, mas a danadinha adentrou o espaço desconfiada e aos resmungos. Pediu-me algo para beber, antes que fechasse a porta e, sem que percebesse, fiz um sinal qualquer para a moradora vizinha e tranquei a porta. Apanhei de um pacote gelado de leite e ofereci-lhe. Ela desconfiou do meu ato e disse que só beberia caso estivesse lacrado. Entreguei-lhe um pacote novo e ela, observando que o litro estava com selo de garantia, arrancou-o, selecionou um copo, lavou-o inúmeras vezes, sempre me olhando com desconfiança. Isso feito, disse-me que andara muito e estava cansada, com muito sono. E para atendê-la e não ficar argumentando com alguém naquela situação, levei-a até um dos quartos de minha pousada, cerrei as cortinas, deixando o ambiente propício para um descanso, coloquei lençol e cobertor novos sobre o leito e deixei-a à vontade para repousar. Ela fechou a porta e, dois ou três minutos depois, vagorosamente, abri-a e notei que dormia profundamente. Em seguida, comecei a me indagar o que estaria acontecendo com aquela jovem, odontóloga há dez anos, que se encontrava agora em meus aposentos, sem saber quem era e de onde procedia.

Imediatamente, peguei o telefone e disquei para meu filho, no interior do Estado. Uma, duas, três vezes, até que fui atendido por ele. Era quase horário do almoço. Então expliquei-lhe o problema com sua esposa Cleusa que, no momento, encontrava-se em minha residência. Que viera fazer aqui? Não sabia quem era e descansava como uma santa, em um dos quartos do meu apartamento.

Meu filho assustou-se porque a esposa, naquele dia, não se sentia bem, não fora trabalhar e, nesse exato momento, estaria também repousando na suíte do casal. Duvidando, pedi-lhe que fosse até lá confirmar. Foi e retornou, afirmando que a esposa dormia o sono dos justos e que eu estaria atravessando um momento de inquietude (para não usar um termo agressivo ou de desdouro). Pedi-lhe que aguardasse e retornei ao quarto, abri novamente a porta e lá continuava ressonando, como um anjo, minha nora. Seria impossível que

alguém pudesse estar, ao mesmo tempo, em dois lugares. Só ouvira falar de tal fenômeno com São Francisco de Assis e Santo Antônio de Pádua... E ficamos a discutir por quase cinco minutos, quando ele cessou o debate e disse-me: -Pai, se o senhor não ficou biruta, favor ouvir a Cleusa, que acabou de acordar e vai falar ao telefone. — Alô, Cleusa, é você mesma? — Sim, respondeu-me ela, do outro lado da linha. — E como pode estar aqui na minha casa, neste momento, dormindo em um dos quartos do meu apartamento?

Ela então espantou-se e me disse que naquela manhã não se sentira bem no seu gabinete dentário, e resolvera tirar a manhã para descansar, mas que durante o sono, “lembrava-se vagamente de que sonhara estar na minha rua ou adjacências, meio perdida. Falara com um cidadão parecido comigo, que ajudara com as compras...” e tudo indicava que, em pleno sono, se deslocara até mim, a mais de duzentos quilômetros, para exacerbar meus neurônios setentões. Nesse exato momento rumei mais uma vez ao quarto, onde já estivera por duas ou três vezes, com ela dormindo lá dentro. E não é que o quarto estava simplesmente vazio, embora as roupas de cama estivessem amarrotadas. Cleusa simplesmente evaporara de minha casa ao acordar na sua, longe dali. Mas seria impossível a mim, homem tranquilo, com o juízo perfeito, andar vendo alucinações, principalmente com pessoas vivas. Se fossem mortas ... Mas o sonho que ela tivera, de estar no meu bairro, comigo ... Nesse instante, acendi a lâmpada do aposento, confirmei que o lençol e o cobertor estavam em desalinho, prova irrefutável de que alguém descansara ali. Mas algo, disso tudo, ficara para comprovar que não estaria maluco ou coisa semelhante. Um par de sapatos de cor marrom, com salto de aproximadamente cinco ou seis centímetros, permaneceu sob o leito. Então fiz referência a eles. Cleusa, minha nora, confirmou que possuía um par semelhante ao que lhe transmitia, mas, ao que tudo indicava, havia desaparecido misteriosamente de sua casa.

Então, sem entender mais nada, que sou inimigo das coisas inexplicáveis, disse-lhe com a ternura de um anjo: -Pois é, quando dispuser de um tempinho, venha buscá-lo aqui em casa, porque estão sob a cama em que você “supostamente” descansou por mais de uma hora.

E haja explicações para tais fenômenos sem pé nem cabeça.

O TEMPO E A IMORTALIDADE

Jonas Reis

Jornalista e escritor, membro da Academia
Espírito-santense de Letras

(Discurso de posse na Cadeira 10 da Academia Espírito-santense
de Letras em 15/9/2022).

Senhora Presidente da Academia Espírito-santense de Letras, acadêmica Ester Abreu Vieira de Oliveira, demais integrantes da mesa: nosso presidente de honra, acadêmico Francisco Aurélio Ribeiro, o secretário da academia, acadêmico Álvaro Silva, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico, acadêmico Getúlio Neves, acadêmico João Gualberto Vasconcelos, cuja saudação agradeço, e o desembargador Fabio Clem, presidente do Tribunal de Justiça do Estado, que nos honra com sua presença.

Deixei para o final, entre os que compõem a mesa, o representante da Academia Brasileira de Letras, poeta imortal Carlos Nejar, cadeira 4 da ABL, também integrante de nossa Academia. Gaúcho que ama o Espírito Santo, Nejar foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura por instituições brasileiras e de França e Espanha, e torcemos para que ele seja o tão aguardado primeiro Nobel brasileiro.

Desse poeta amigo, li há algumas semanas *Senhora nuvem*, que reúne crítica, poesia, ficção, experiências e sonhos, como só Nejar conseguiria fazer mantendo o encanto da leitura. E tenho em mãos, devidamente autografado, chamando-me, gentilmente, confrade, este precioso exemplar da quarta edição de sua *História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*, obra de pesquisa fundamental para quem ama nossa literatura e quer conhecer melhor nossos autores. Sua presença nos honra, Nejar. Muito obrigado.

Minha homenagem também ao conselheiro Sergio Aboudib, corregedor do Tribunal de Contas do Estado; ao jornalista Roberto Junquillo, representando a Associação Brasileira de Imprensa; ao fundador e presidente do Conselho Curador do Instituto Carlos Ne-

jar, meu amigo Moshe Dayan Rosa; e ao presidente do Sindicato dos Auditores de Controle Externo do Tribunal de Contas, Luiz Guilherme Vieira; aos representantes da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e demais academias aqui representadas.

Senhoras e senhores Acadêmicos, que, com orgulho, passo a chamar de confradeiras e confrades. Minhas amigas, meus amigos, meus colegas jornalistas, colegas advogados e do Tribunal de Contas, meus queridos que vieram de São Paulo: meus filhos Marcio e Fabio, minha nora Flávia, meus netos David e Levi, e minha grande família: minha constelação de irmãs, meu irmão que veio da capital secreta, sobrinhas, sobrinhos, demais parentes, e Vanessa.

Trinta e dois anos atrás, num momento como este, eu estava aqui ao lado, no segundo pavimento deste prédio, ocupado em minha função de redator do jornal a Gazeta. Da janela lateral, via a movimentação neste auditório, quando tomava posse na academia, e na mesma cadeira 10, a grande educadora Anna Bernardes da Silveira Rocha. Não podia então imaginar que seria seu sucessor, três décadas depois, tanta água corrida no rio da vida.

Por sugestão do amigo José Carlos Mattedi, e pela imensa generosidade de seus pares na academia, vejo-me hoje ingressando nesta admirável instituição que tem por finalidade o cultivo da língua nacional e da cultura literária - e foi essa finalidade e esse propósito que inspiraram minha aproximação da academia. Não me canso de registrar: Sou filho de pai negro e de mãe branca. Sou o retrato da miscigenação que se revela a maioria deste grande país: tenho 61% de ascendência europeia, sou 32% africano e 7% ameríndio.

Eu vim de uma vila lá longe, de onde veio também o presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, desembargador Dr. Fábio Clem, que nos honra com sua presença. Vim da antiga Colatina, que se estendia para noroeste. Trago comigo o suor cansado do imigrante que desbravou a mata, o sangue assombrado do preto escravizado, o canto triste do índio destituído da terra.

O que a academia recebe hoje, presidente Ester Abreu Vieira de Oliveira, é um simples portador do bastão, caminhante do tempo na eterna sucessão das gerações.

Sou aquele em que se transformou o menino trazido para a capital pelos pais que desceram dos cafezais e nunca mais voltaram. O menino que cresceu no morro e descia às ruas para engraxar os sapatos da cidade.

Mas foi dessa convivência com as ruas que nasceu o desejo de desbravar o mundo, como a árvore que enraíza para crescer. Na adaptação para a vida cá embaixo descobri a existência dos livros, estudei Comunicação Social e ingressei no jornalismo. O jornalismo descortinou a realidade à minha volta: escancarou nossas carências, ampliou minha visão da cultura, mostrou-me as muitas facetas da política.

Depois, a graduação em Direito e a especialização em Direito do Estado fizeram-me refletir sobre os olhos vendados da Justiça, símbolo da imparcialidade que os jurisdicionados almejam. Fizem-me considerar sobre a balança, que idealiza a justa ponderação de interesses, e pensar sobre a espada, cujo poder coercitivo deve incidir igualmente sobre todos.

Ingressei por concurso no Tribunal de Contas do Estado, conselheiro Sérgio Aboudib, que também nos prestigia nesta noite, e minha função de auditor de controle externo me apresentou a bons exemplos de respeito ao erário, mas também a muitas mazelas contra o interesse público.

Mas o jornalismo havia despertado em mim o amor pelas palavras, e disso nasceu o tardio encanto pela literatura. Até porque, como dizia o colega jornalista, acadêmico e amigo Marien Calixte, o jornalismo é uma espécie de literatura. Juntos, jornalismo e literatura me trouxeram a esta academia, onde chego a meu tempo, velho aprendiz em casa de novos e antigos imortais.

Não tenho a ilusão do conhecimento, de que falam os filósofos. Mas sinto pulsar, em mim, a ânsia de traduzir os sonhos e a angústia de viver em histórias ou versos que nos ajudem a ser seres humanos melhores. Como já se disse, é função da literatura ajudar as pessoas a entenderem a realidade - o que significa entender a si próprio, entender seu semelhante e entender o mundo à sua volta. Meus poucos escritos trazem as marcas deixadas por aquela vila lá longe, pelo morro onde cresci.

Pretendem espelhar meu espanto diante do implacável escoar do tempo, que já me levou a indagar: É o tempo que vai em frente e segue enrugando as coisas no mundo? São os anos e anos que passam em silêncio por nós? Ou a vida apenas finge que passa, enquanto passamos nós? Minhas histórias pretendem - não sei se conseguem - refletir sobre os consolos, dilemas, medos e mistérios vividos pelo homem moderno, enquanto o tempo passa e o mundo se decompõe à sua volta.

Hoje, por exemplo, vivemos tempos de incerteza e temor pelo futuro de nossa gente, de nossa cultura, de nossa literatura, das artes em geral. Mas devemos confiar e insistir na construção do amanhã, porque, como escreveu o poeta norte-americano Theodore Roethke, “Num tempo de trevas, o olho começa a enxergar”.

Considerar a imortalidade, ao ocupar a prestigiosa cadeira 10 desta academia, é uma ousadia e uma responsabilidade que me desafiam. Nessa cadeira tiveram assento personalidades que se tornaram imortais por deixarem a marca de seu trabalho não apenas neste estado, mas também em âmbito nacional e até internacional. Devo, portanto, a eles, minha homenagem.

Não vou me alongar aqui na discussão de sua obra, que já estudo em profundidade para composição de trabalhos específicos que pretendo desenvolver, contribuindo para a manutenção de sua memória. Mas não poderia deixar de fazer singela e rápida referência à sua importância para nosso estado. A cadeira 10 de nossa Academia tem como patrono o padre José de Anchieta, hoje são José de Anchieta.

Anchieta nasceu em 1534 em São Cristóvão de Laguna, nas Canárias, e chegou ao Brasil em 1553. Foi historiador, gramático, teatrólogo e poeta. Sua literatura de catequese é considerada uma das primeiras manifestações literárias no Brasil e integra o movimento literário quinhentista. Foi o precursor do teatro no país e escreveu autos que veiculavam sua fé e mandamentos religiosos.

Submetido aos encantos deste novo mundo, o apóstolo-poeta meditava à primeira luz da manhã, e assim exaltava a natureza:

“[...] Tanta é a luz que me deslumbra os olhos.”

Ele teve retratados aspectos inusitados de sua vida e personalidade no livro *Visão de Anchieta*, de Guilherme Santos Neves, autor do

qual falarei mais à frente. Nosso patrono faleceu em 1597 na aldeia de Reritiba, atual município capixaba que leva seu nome e onde se localiza o Santuário Nacional de São José de Anchieta, apóstolo do Brasil.

Seus escritos foram reunidos em dois volumes: Primeiras letras e Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões. Foi canonizado pelo Papa Francisco em 2014, e a poesia de Cecília Meireles fala de seu cuidado para com os índios. Diz ela:

Vede o santo Anchieta,
[...] Como vai e vem
Por entre as aldeias
A cuidar de alguém! [...]
Vede Anchieta, o santo,
Entre montes altos
E praias de espanto,
Pisar neste chão.

Depois do nosso patrono, falo agora do primeiro titular da cadeira 10: Dom Benedito Paulo Alves de Souza, que nasceu em Santos, em 1873. Benedito manifestou vocação pastoral desde a infância. Depois, já presbítero, seguiu para Roma, onde obteve Doutorado em Direito Canônico. Foi nomeado bispo da diocese do Espírito Santo, aonde chegou em 1918 e permaneceu até 1933.

Aqui, presidiu a reunião em que seria articulada a fundação de nossa academia, da qual viria a ser o primeiro presidente. Foi também o idealizador da construção de nossa catedral metropolitana. Orador primoroso, literato e professor, publicou Pastorais, em 1918, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1946.

Agora, Guilherme Santos Neves, segundo ocupante da cadeira do santo na academia.

Ele nasceu em Baixo Guandu, em 1906. Foi professor de língua e de literatura portuguesa, e o mais destacado pesquisador e divulgador do folclore capixaba. Deu sentido científico à nossa cultura popular, e isso inclui: levantamento, registro, interpretação, sistematização e divulgação de atividades que vão da literatura oral às credences e superstições, dos festejos à culinária, da música às dramatizações populares.

Ao longo de quase 40 anos, mestre Guilherme acompanhou os festejos de rua, e coletou muito de nosso folclore que poderia hoje estar perdido para sempre. Publicou centenas de artigos e estudos em jornais e revistas do estado, do Brasil e de Portugal, projetando nosso folclore também em países hispânicos.

Fundou a Comissão Espírito-santense de Folclore e foi o primeiro presidente do Centro Capixaba do Folclore. A par dos artigos e estudos que publicou, lançou livros de cantigas de roda, garantindo a preservação de preciosidades como

Meu amor é marinheiro,
Ó bela Lília,
Quebra, quebra gabirola,
Onde está a margarida? E sereno!
Quem não se lembra de cantigas como:
Serenô, eu caio, eu caio,
Serenô deixai cair,
Serenô da madrugada
Não deixou meu bem dormir

Guilherme Santos Neves também escreveu o *Cancioneiro capixaba de trovas populares*.

O livro *Alto está e alto mora - nótulas de folclore*, e este *Romanceiro capixaba*, entre outras publicações. No centenário de seu nascimento foi publicada seleção de sua produção, a rica *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba*.

Mestre Guilherme faleceu em 1989, deixando uma obra imortal e um grande vazio em nossa cultura. Porque, como escreveu o hispanista Julio García Morejon, “se algo se ergue a alturas universais é através da cândida doçura popular”.

E, por fim, falo com profunda admiração da mais recente ocupante da cadeira¹⁰, Anna Bernardes da Silveira Rocha. Educadora dedicada, em sua posse ela já demonstrava preocupação com a responsabilidade do fazer literário. E disse, neste auditório: “A literatura que não se preocupe com a pessoa humana, com a qualidade de sua vida, é vã e fátua, inútil e insensata.”

Ao repetir hoje suas palavras, assumo compromisso com essa visão progressista da literatura, defendida trinta anos atrás por minha nobre antecessora. Nascida em Vila Velha em 1927, Anna Bernardes foi professora emérita da Ufes, além de atuar na docência em diferentes etapas e níveis educacionais. No Espírito Santo, foi secretária da Educação e presidente dos conselhos estaduais de Educação e de Cultura.

A visão moderna que tinha das questões pedagógicas a levou a assumir cargos na esfera federal, onde desenvolveu importante papel na luta por uma educação pública e de qualidade. Em Brasília, foi secretária geral de Educação Secundária do Ministério da Educação, e diretora geral do Departamento de Ensino Fundamental do MEC.

Obteve reconhecimento em diversas partes do Brasil, emprestando seu nome a organizações educacionais e estabelecimentos de ensino, como uma escola de ensino fundamental na distante Arapiraca, no agreste alagoano. Pela Editora Bloch, Anna publicou *A escola de primeiro grau*. E, pela Editora Globo, publicou *Contrato-tarefa*, *Interrogatório* e este *Entrevista*, que contém estratégias de ensino para professores.

Estas publicações são de fundamental importância para enriquecer o ensino e assim fortalecer a educação, setor nem sempre privilegiado pelos governantes, embora fundamental para garantir um futuro digno e cidadania plena às gerações que se renovam permanentemente. Imortalizada por suas obras e pelos frutos de seu trabalho, a grande capixaba Anna Bernardes da Silveira Rocha virou saudade em junho de 2021.

Minhas amigas, meus amigos. Desde sempre o homem manifesta fascínio pela possibilidade de viver eternamente. A epopeia de Gilgamesh, poema escrito há quatro mil anos, é a história de um homem em busca da imortalidade. Essa busca continuou ao longo dos séculos e, oitenta anos atrás, o espanhol Luis Cernuda apontou sua veia poética para as ruínas do mundo, e escreveu:

Deus, que nos fizeste mortais,
por que é que nos deste a sede de eternidade
de que é feito o poeta?

Quando pleiteamos esse tipo de imortalidade ansiamos por existir, *ad infinitum*, em cada linha das obras que criamos. Nos contornos mais sutis da criatura, queremos a permanência do espírito criador. Juízos alados, flutuando eternamente sobre a impermanência do mundo. Mas a imortalidade não pode ser privilégio dos que constroem uma obra que chegue à posteridade. Não é preciso muito para se fazer imortal na lembrança do outro.

Pode ser apenas o carinho que lhe dedicamos, o tempo que com ele compartilhamos, o riso que rimos juntos, sua lágrima que enxugamos. Ou, ao contrário, nos fazemos imortais pelo mal que praticamos, ou pela omissão injustificada, porque isso se refletirá na vida de muitos no futuro e ficará gravado nos livros da eternidade. Que legado deixaremos ao partir? Somos hoje a abelha que fere o apicultor, ou aquela que fecunda a flor?

Rubem Alves disse que “ensinar - e eu ousaria acrescentar educar - é um exercício de imortalidade. “De alguma forma - disse ele - continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra”.

Herbert de Souza, o Betinho, que os mais antigos conheceram como o irmão do Henfil, disse: “Quem fica na memória de alguém, não morre”.

Ou, como disse outro pensador, “o que fazemos para nós, morre conosco. O que fazemos pelos outros e pelo mundo, continua, e é imortal”.

Que triste seria se não tivéssemos a esperança de sobreviver na obra que erigimos, em ações que praticamos, ou no amor que compartilhamos! Na vida restaria, como se diz, apenas a certeza da morte e dos impostos. Ou, para nós, ilhéus de Vitória, a certeza da morte, dos impostos e do pó preto.

Mas, tenhamos pressa em construir nossa boa imortalidade pessoal, pois o tempo passa, incontrolável como o vento nas montanhas. E, como escrevi, ao concluir o relato de minha Viagem à alma do Brasil, O tempo é como a onda que passa num suspiro do mar. A gente nem nota, distraída, e já outra onda passa, a nos levar. Muito obrigado!

O INTRUSO

Jorge Elias Neto

(Médico e Poeta)

Para que compartilhar a loucura? Tem-se que guardar em segredo a penúria dos instintos que nos avassalam a alma. A loucura transborda, atordoada, é inventiva demais. Diriam que ela é suportável nas crianças e em alguns endemoniados perdidos nos acostamentos das autoestradas – sempre carregando nas costas suas sacolas cheias de coisas-nenhumas. Elas não aprenderam ainda a ser gente; eles desaprenderam a ser humanos ... Mas, na manhã em que tive o espírito desperto, assim, obsequioso, fui entrando nas casas. E todos desviaram de mim o olhar. Hoje, não mais embriagado pelas convicções que me moviam, pude ouvir dos poucos que me fitaram por um breve instante o seguinte relato: Surgi lento diante dos portais das casas, quando os primeiros raios oblíquos da manhã não ousavam passar do peitoril das janelas. Essa ausência de luz no interior de suas moradias fez maior o impacto daquele que se anunciava. Raios de sol escorriam-me pela face onde já adormecera o orvalho que trazia da madrugada fria. De súbito, toda a luz esfacelou-se em mil arco-íris. Um olhar sem fio terra fez calar os poucos que ensaiaram dizer de sua objeção à minha presença, assim tão cedo e sem convite. E, por ter deixado de acreditar na cautela do silêncio, fui derramando a língua sobre os móveis da sala onde todos os moradores, perplexos, se mantinham sentados. As palavras me enchiam a boca, e, se as tentasse calar, seria possível ver as protuberâncias que a fala contida criava ao serpentear em meu rosto. E, quando conseguiam vencer meu esforço – pois já começava a observar o quão inoportuno eu era àquela gente – , sentia-se o arrebatamento do grito arremessado. Poderia continuar discorrendo sobre a imagem fantástica que aqueles indivíduos guardaram daquele dia, mas prefiro dizer que aquele não era eu. Não nego aqui as intenções (inocentes intenções) que me impulsionaram porta adentro. Não, elas sempre foram autênticas. Refiro-me ao personagem descrito. Esse, sim, não era eu. De tudo que falaram, talvez o que mais se aproximasse

do real fosse meu rosto molhado com o suor que passou a escorrer profusamente, quando me ocorreu dividir com os homens minha parcela do descobrimento do mundo humano. Custou-me entender que não se deve revirar as prateleiras domésticas, dismantelar os espaços, desarranjar a ordem estabelecida para a vida. Mas também, que besteira!... Não se compartilha o fundilho rasgado para morder o rabo. Nos últimos tempos, tenho ficado por aqui, zanzando onde posso ser ignorado. Como me restringiram o espaço para o olhar, mantenho meus olhos apontados para o chão. Mas sou feliz, aprendi que para conquistar a liberdade, bastou chamar-me: “Ninguém”.

O VAI-E-VEM DA ESPERANÇA

A cidade cresce, se descaracteriza, fica cinza. Os faróis dos carros só são belos nas fotos noturnas com longa exposição do diafragma – se disfarçam em fachos luminosos. Os indivíduos não se apercebem, é massa disforme à espera do sinal verde que chega e parte sem que eles saiam do lugar. Sou mais um, mas insisto em olhar em volta, pro lado, ser chamado de desatento, esbarrar nas calçadas. Não me arrependo. E foi por ser assim que olhei para cima. No morro, um mundaréu de casas, tão juntas como uma corda de caranguejos postos à venda nas calçadas – cinzas e sufocadas. Fui olhando cada vez mais alto, e na iminência do azul, em uma imprevista descontinuidade entre as casas, eu vi balangando uma criança alada. Ela estava lá, com seu balanço, alheia aos casuísmos, estatísticas, caos, fatalidades... Indo e vindo sobre as malfadadas casas. Pêndulo de minha vida! Chuta pro alto, com seus pés meu desassossego! Um beijo criança... Mil beijos! Estremece o Morro; seja o centro gravitacional de seu Universo; desmente nesse segundo as verdades do Absoluto! Abriu o sinal... Despeço-me da criança, pois tardar não posso (podia ser um pouco pior o trânsito em minha cidade). Ao menos agora sei que naquele sinal existe a árvore com seu balanço. Sei que ali encontrarei, quem sabe outra vez, alguma criança a pincelar de verde um sinal de esperança para os que tentarem vislumbrar o céu.

Para quem quiser ver o menino, é só parar no sinal de entrada da terceira ponte, na Avenida Desembargador Santos Neves, no sentido Praia do Canto – Centro, ao lado do posto da Shell. Bem no alto do morro está a árvore com seu balanço.

IVAN – O GRANDE AMIGO

Como poeta, sempre me causou inquietação e inveja a capacidade dos romancistas em descreverem um personagem, suas características físicas, seus trejeitos, sua empostação de voz, seu olhar... Esta incapacidade me ocorre de forma mais incisiva agora, quando me proponho falar do amigo Ivan Borgo. Por isso, de antemão, peço desculpas aos que conheceram o Ivan a muito mais tempo que eu; peço desculpas aos inúmeros escritores que cultivaram a amizade de Ivan em sua longa caminhada, perdoem-me Renato Pacheco, Carlinhos Oliveira, Reinaldo Santos Neves, Luiz Guilherme...

Sei que idealizamos as pessoas. Encontros fortuitos, papo de sabadólogos, conversas ao telefone, não nos trazem o todo de um indivíduo. Mas me coloco dentre os indivíduos que têm no olhar a sua fonte de vida, e para pessoas assim, muitas impressões são colhidas no mínimo convívio.

Tenho uma outra fonte que talvez me forneça mais subsídios: nos últimos anos convivi com Ivan no meu consultório. Tive a oportunidade de travar longas conversas, entrecortadas de inúmeras risadas – gostosas risadas – que só o Ivan sabia dar.

Ivan Borgo nasceu em Castelo, em 21 de fevereiro de 1929. Graduado em Direito pela Ufes com especialização em Economia pelo Conselho Nacional de Economia. Foi professor da UFES de 1961 a 1989 e diretor regional do Senai/ES de 1969 a 1990.

Mas Ivan foi sobretudo o nosso Ivan escritor, cronista excepcional, como diz Reinaldo Santos Neves ao se referir a Roberto Mazzini – heterônimo de Ivan Borgo: mais do que um capixaba com saudades de uma bota, Mazzini é um *homo catholicus*, ou seja, um homem universal. Irmão de todos os seus irmãos, os como ele degredados filhos de Eva, Mazzini é daqueles para quem *nihil humanum alienum* est. E

tanto faz uma briga em Veneza como um grito na noite de Tóquio, um sebo em Vitória como um beijo nas ruas de Londres, uma pousada em Itaúnas como um velho casebre em Araguaia, tudo é motivo para Mazzini dar seu parecer sobre a grande tragicomédia humana.

Ivan, amante de Henry James, W. Somerset Maugham, Ernest Hemingway e muitos outros. Ivan com aquele jeito de falar fechando os olhos, virando a cabeça de lado, colocando a mão no rosto e entremeando as frases com uma risadinha de eterno moleque travesso. Ivan de Jucutuquara, torcedor do Rio Branco, membro da Academia de Letras... Ivan múltiplo.

Eu sempre disse da minha tristeza de não ter conhecido Renato Pacheco e Carlinhos Oliveira, célebres capixabas. Hoje, digo que tive o privilégio de conviver com dois grandes escritores capixabas que não mais nos presenteiam com seu sorriso: Miguel Marvilla e Ivan Borgo.

Em certa feita, ao escrever sobre o término da colaboração regular de Roberto Mazzini na *Revista Você*, Reinaldo Santos Neves disse que o nosso consolo é que ele prometeu voltar, de vez em quando, na qualidade de colaborador eventual. E, pensando bem, tem mais é de voltar mesmo. Pensando bem, Roberto Mazzini está em dívida com todos nós. E é verdade, quem será capaz de nos contar histórias de uma maneira tão saborosa como Ivan – o inesquecível. De Ivan fica aquela sensação que temos quando lemos um Dante Milano, quando levamos qualquer grande escritor bissexto – a sensação do tanto que eles deixaram de nos contar...

Mas deixemos as últimas palavras para Roberto Mazzini, deixemos que ele responda a Reinaldo Santos Neves, que ele responda a esses amigos humanamente egoístas, sempre famintos do amigo Ivan Borgo: Reinaldo, está na hora de desembarcar do balão. Seria possível ficar aqui dando tratos à bola e navegando por esses ares azuis da utopia.(...) Bom amigo Reinaldo, quanto ao saldo de minha dívida com a revista, meus capitais são muito escassos para liquidá-lo. Fico no vermelho.

Este é o Ivan – amigo, que nos deixou uma saudade tão grande quanto o seu sorriso.

NO ESCURO, ARMADOS

José Augusto Carvalho

(Doutor em Letras. Professor e Escritor)

No escuro, armados é um livro de contos e crônicas, com excelentes passagens em que o A. brinca com a língua portuguesa, usando parônimos (furta uma fruta - p. 109), trocadilhos (obituais sete palmos de terra - p. 112), parônimos (No leite, com leite de próprio seio - p. 100), jogos de palavras (amar, no amargo âmago - p. 74) neologismos (os bebês, acordados, beberavam — p.100); filhos choramingentos de fome (p. 100); inversões sintáticas (hipébatons), palavras-cabide e até uma hipértese intervocabular.

Nas palavras-cabide (*portmanteau*) o autor usa sobretudo a tme-se, como gr(l)ande, m(s)eio, intra(o)duzindo (p.51) ou uma letra ou duas antes do nome, como (ex)citado ou (p)úberes donzelas (p. 51))

Curiosamente, há várias passagens em que o Autor usa apenas frase nominais, sem verbo conjugado, como na passagem seguinte:

— O último trago! — a voz etílica, indiferente.
Por detrás do balcão, espessa barba e bigode.
Raul, por detrás destes, despachando o pedido.
A vigésima cerveja, geladinha, suadinha, conforme o gosto do freguês.
Na cintura, visível a faquinha — de cortar fumo.
Em volta da mesa, pequeno público. (p. 43)

Ou como este início do conto “Praça da espera”:

“PRAÇA DA ESPERA. De olhares sugestivos e gestos suaves, quais plumas de algumas aves. Olhares cruzando-se nos ares. Olhares de só, ou a sós, sonhando sóis e luars.” (p. 74)

A metátese é a troca de sons no interior de uma palavra, como tauba (por tábua), ou falcudade (por faculdade), por exemplo. Quando a troca de sons ocorre entre vocábulos, ela tem o nome de hipér-

tese, como em de transmimento pensassão (por transmissão de pensamento), por exemplo. William A. Spooner (1844-1930) utilizou esse tipo de jogo de palavras em que a troca de sons resulta sempre em palavras existentes, como em “You have wasted two terms” (você desperdiçou dois trimestres) por “You have tasted two Worms” (você provou duas minhocas), ou como “Queer Dean” (Estranho deão) por “Deer Queen” (querida rainha). Por causa de Spooner, esse fenômeno tem em inglês o nome de spoonerism, em homenagem ao seu autor. Em francês, o spoonerism tem o nome de contrepèterie, como em “Trompez sonnettes” (Enganai campainhas) por “Sonnez, trompettes” (Soai, trombetas). Um maravilhoso exemplo de contrepèterie nos veio do escritor Rabelais (1494-1553), autor de Gargantua: “Femme folle à la messe” (Mulher maluca na missa) e “Femme molle à la fesse” (Mulher de bumbum mole).

No Brasil, a hipèrtese intervocabular mais extraordinária é de autoria de Millôr Fernandes, que a empregou na fábula “A Raposa e o Bode” (Fábulas fabulosas. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1964, p. 133-4), de que aqui transcrevemos o título, o início e a moral: “A Baposa e o Rode. Por um asino do destar, uma rapiu caosa num pundo profoço do quir não consegual saiu. Um rode, passi por alando, algois tum detempo, vosa a rapendo, foi mordado pela curiosidido.” Moral: “Jamie confais em qua estade em dificultém.” Também Paulo Leminski usou a hipèrtese intervocabular no poema “Diversonagens suspersas”, título que forma duas palavras palavras-cabide, à semelhança da brincadeira infantil que inventa “rinocerafa” para o filhote do rinoceronte com a girafa.

Outro fenômeno de troca de sons tem o nome de heterofemia ou heterofasia, que consiste no uso de uma palavra por outra parecida, como “mexa a porca” por “fecha a porta”

Tudo isso para exemplificar um belo exemplo de Marcos Tavares, no conto “Excertos”: “Andando dois subires, digo, subindo dois andares” (p. 34). O curioso nesse conto é a história do personagem de cuja morte o Autor se isenta de culpa, numa espécie de anti-ilusionismo, em que a ficção assume ares de realidade.

Uma comparação entre o texto inicial que o A. escreveu à pala de prefácio e os textos do livro *No escuro, armados* revela o quanto o autor evoluiu na sua subversão da linguagem. No livro há momentos

em que ele parece forçar o jogo linguístico, como no conto “Caso Moral” (p. 77):

- Mas ele, sem lar, estará, certamente, em apuros...
- Então, que continue no ar puro.
- Mas o senhor é... o ditador do edifício!
- Sim, meu caro, é difícil.

Ou como no conto “Tal Pai” (p. 99):

Na enfermaria, após Cesária e Ana, nascia, ou melhor, morria, ou pior, vinha à penumbra do mundo – porque madrugada – o terceiro trigêmeo, natimorto.

Não existe no conto ninguém chamado Ana ou Cesárea. O A. quis falar em cesariana, dividindo a palavra em dois nomes para fazer trocadilho, sem nada a ver com o texto.

No conto (ou melhor, na crônica) “Decodificações”, em escritura de teatro, dois personagens dialogam, um dos quais é pretensamente um linguista, mas o linguajar é mais típico de um advogado, com inserções latinas na sua fala, do que o de um linguista.

Também me parece crônica o texto “Caso Moral”, também em escritura de teatro.

Mas esses pequenos senões de um velho mestre-escola aposentado em nada empanam o brilho desse livro de contos e crônicas que enriquece a literatura da nossa Terra.

SERVIÇO

Luiz Busatto

(Professor. Doutor em Letras.
Pertence à cadeira 24 da AEL)

Visitem o Marcos
roteiro histórico, geográfico, escriturário
nos confins das Dores estaduais do rio Preto.
Naquele caminho há um marco
da literatura capixaba made in 1987
no escuro armado,
porque o rio, como a vida , é preto.
Não encontrando o destino
informe-se com o cicerone
ele lhe indicará a cidade que é uma rua
e a rua é só de um lado
as casas moram só de um lado.
Se não o encontrar manipulando
as atribuições fiscais
as atribuições frente o Big Ben paroquial
ou uma tristeza nova-iorquina
sobre a ponte do rio
investiguem seus passos no asfalto
eles correm ao vento
ou estarão perplexos e parados
no meio da praça da Matriz.
A rua continua de um lado
como o coração que é só de um lado
e ele mora no lado habitável
cidadão das dores rio-pretenses
cicerone da solidão de um só lado
de um só lar
de um só Marcos.
(Vitória , 29-04-1987).

Este texto, altamente poético, foi escrito por Luiz Busatto. Douro em palimpsesto e intertextos, Busatto, a título de saudável brincadeira, usual entre os então membros do grupo literário Letra, baseou-se na página Serviço, in jornal *A Tribuna* (Vitória, ES), em que se dava breve notícia do então novo morador de Dores do Rio Preto, sudoeste do ES, o qual então acabara de publicar um livro de contos (*No Escuro, Armados*). O brilhante Prof. Lúcio José Gusman, o homenageado no Encontro, que na Faculdade de Carangola (MG) fora professor do aí implícito autor Marcos [Tavares], morreu atropelado por automóvel (tal qual Roland Barthes) em meados de 2003, quando, em Juiz de Fora (MG), saído de Muriaé (MG), visitava um filho. Busatto, magistralmente, parafraseia Oscar Gama, quando este, na orelha de livro (*op. cit.*), emprega a expressão “capixaba modelo 1957” para se referir ao aludido autor. E, principalmente, parodia a este, Marcos, no seu texto *From Dores do Rio Preto*

with love (idem, p. 110-111).

CRÔNICA DE ALÉM-MORTES

Marcos Tavares

(Autor de *Gemagem* (poemas, 2005)

e *No escuro, armados* (contos, 2017).

Um leitor compulsivo não vê hora de mergulhar numa leitura, qual seja ela, e, uma vez nela imerso, até esquecer o mundo terrestre ao redor. Era o que comigo ocorria quando, em idos tempos, em Vitória (ES), com habitualidade frequentava a biblioteca do SESC — então na praça Misael Penna, no Parque Moscoso — e, ainda na Cidade Alta, a estadual, pública — então sob direção de Neida Lúcia Moraes, autora de romances (*Sete é número ímpar*; *Olhos de ver*) que lá tomei por empréstimo.

E, para excitar cérebros sensíveis, nos anos 1980, em plena praça Costa Pereira, no Centro, havia um empreendimento comercial, em geral encabeçado pela Câmara do Livro (leia-se: livreiro Sílvio Folli): uma feira a céu aberto! Já comum eu estar despossuído de valor para adquirir este ou aquele volume, nessa folheava e lia, lia e folheava, ávido, aguardando surgisse um anjo para fazer a mim uma generosa oferta. E a livro dado lê-se até a orelha. E tinham esses tais eventos, não raro anuais, um certo apoio, ao menos logístico, de órgãos oficiais do ES.

E recordo-me de que, numa dessas vezes, por ali estar com olhos quase pedintes, um desses mecenas (quem?), argutos em olhar alma aflita, brindou-me com um exemplar de *A Ostra e o Vento*, de autoria de Moacir Costa Lopes (1927-2010). Esse mui valeroso, oriundo de Quixadá (CE), pessoa singular, culto, bibliófilo, teve obras tanto vertidas em outros idiomas quanto levadas ao rádio e ao cinema. No Rio de Janeiro passa a residir desde 1944. Funda em 1969 a Editora Cátedra, a qual publica mais de um milhar de literatos nacionais, alguns estreates. Com apetite juvenil devorei a história do homem autoritário e possessivo que, sozinho com a filha adolescente, em ilha distante do litoral mantinha ativo um farol marítimo.

Entediada a moça, conflitos se seguem.

No vasto rol de editados por Moacir estão alguns notáveis autores de títulos postos na prateleira Letras Capixabas: bons exemplos desses são os polígrafos José Augusto Carvalho (*A Ilha do Vento Sul*, 1973) e Reinaldo Santos Neves (*A Crônica de Malemort*, 1978), e a poetisa Kátia Bento (*Principalmente etc.*, 1972).

Sobretudo em tempos difíceis, de forçada reclusão, é que afeiçoados por leitura mais se apegam aos livros, quais náufragos se agarram à tábua de salvação — com função catártica, de evasão, bem típica do que em civilizados exerce qualquer forma de Arte. Eu próprio, em 1978, por grande favor a um achegado amigo, fiquei, com minha presença, a garantir, para ele, pequena área demarcada por ripas, uma “ocupação de terra”, no ainda por nascer Bairro São Pedro. Para consolidar a posse fundiária, não me vali de revólver à mão ou à cintura — mas de um livro do gênero romance. Munido com esse, o ambiente tenso sublimei.

De tudo era carente a região: sem nenhum serviço público, um local todo fadado a ser “lugar de toda pobreza”, já erguidos precários barracos e já instaurada a violência. Pelo fato de sobre um papelão eu ficar deitado ali, a ler, sob péssima cobertura (3 metros quadrados de plástico preto amarrados por barbante a quatro pedaços de toscas madeiras fincados), logo me rotularam de “estudante”. E, em meio a tantos iletrados, graças a esse respeitado epíteto, um meu vizinho de infortúnio, dizendo-se policial, a exhibir arma de fogo, tranquilizou-me: eu e meu latifúndio (terreno de 10m X 10 m) teríamos sua tutela enquanto braço armado dos “ocupantes” (jamais “invasores”).

Assim, em meio à luta por terras, a conflito entre lumpemproletariado e burguesia pré-capitalista, bem alheio ao entorno, idealizava-me heroico cavaleiro a avançar à frente das batalhas medievais entre antagonistas senhores feudais (o Senhor de Nelle e seus devassos vassalos contra os ingleses, p. ex.). Tudo descrito por um indignado e moralista narrador: Thomas Meschin, à semelhança do que Thomas Mann fizera em *O Eleito*. E o romance que eu lia, compenetrado, era o citado *A Crônica de Malemort*, cujo maior pano de fundo é a “peste negra” (pesta bubônica) a grassar na Europa: em 6 anos, desde 1348, dizima 20 milhões de pessoas, um quarto dos habitantes e até metade

nas áreas urbanas mais afetadas.

E o contemporâneo conterrâneo Reinaldo Santos Neves (1946), sob a óptica de Meschin, descreve: “Então entrou o ano daquela grande pestilência que Deus deitou sobre o mundo, por culpa de nossos grandes pecados. E não houve lugar no mundo que fosse livre daquele padecimento, pelo qual foram mortos milhares de homens [...]” E mais: “Então seguiu-se que mudou a maneira por que a praga feria os homens, em lugar das postemas começaram de lhes nascer aquelas tachas [manchas] e nódoas [...]” E ainda: “E veio o inverno e todavia não tirava Deus do mundo aquela praga. E era a morte em fartura no mundo.”

Dado isso, como não traçar paralelo entre aquela virulenta patologia e a que, mundial e fulminante, a partir de 26-02-2020, largamente difundiu mortandade (704.320 vítimas) pelo Brasil afora?

A MORTE DE CU-SUJO

Atingido por certa paulada na grande cabeça, naquela manhã morreu Cu-Sujo. Desafeto seu, de compleição franzina, um Davi vila-rubinense, esse fizera bom uso do porrete que haveria de pôr fim às diferenças entre os dois. Um antagonismo de há muito cultivado e aumentado desde possível conflito de infância lá nos píncaros da Ilha do Príncipe, ao tempo de segregadas em casas verdes as meninas de aluguel. Qual inseparável companhia mesmo em hora difícil, jazen-do lado a lado, agora, um portentoso caibro, sim, ao lado do musculoso corpo do morto. Fora surpreendido o brutamente Golias, assim explicada a exposição das nádegas dele, em ventral decúbite, até o joelho abaixada a tosca bermuda, à sacra hora do alívio intestinal, de cócoras ante um conhecido buraco de goiamum.

Era um sábado ensolarado, o segundo de um fervente janeiro. E era baixa-mar na maré.

Meninos ali, jogando futebol bem próximo à Ponte ainda com serventia, hoje Ponte Seca, estavam já habituados a esses óbitos em litígio. Brigasse peixeiro com peixeiro, brigasse com outra uma dama da vida, ou brigasse peixeiro com mulher-dama, ou braçal brigasse

com qualquer um, ou policial usasse da força pública, era motivo para tingir de sangue o chão sempre recendendo a urina e fezes. Sempre fora assim a Vila Rubim: um lugar literalmente de morte.

Olhos daqueles, se folgados da bola em jogo, porque agora caída no lodaçal do mangue, vez ou outra espiavam o morto ali, para sempre libertos do peso do mundo os seus braços, ora mais rijos, de carregador braçal. Um espetáculo a céu aberto e bem acessível a curioso, sobretudo se menino fosse.

E Cu-Sujo estava ali, cessado o motor da vida, fixo ao zênite o olhar vítreo. Nunca mais, por uns míseros trocados, atenderia mandados, todo servil, à mais frágil senhorinha. Em seus fortes costados, bolsas pesadas de víveres adquiridos no Mercado teriam findos seus dias. Jamais em cabeça dos mais fracos mão grande sua, de valentão, desfecharia gratuito tabefe. E a lhe chorar o cadáver mulher alguma fora vista: sequer mãe, ou filha, ou amante; nem nenhum cachorro viera lambe-lhe a pele parda. Urubus ainda não, mas, exalado característico odor de moqueca de baiacus digerida à véspera, fazia-lhe sobrevoar à boca persistente mosca-varejeira

Dado o seu pouco prestígio social, cujo alcunha, assim jocosamente, isso sugeria, somente ao crepúsculo examinou-se-lhe o corpo a Perícia Legal. Tomadas as medidas de praxe, recolhido em grande caixa coletora o de cujus, sem muito cuidado é que o jogaram no rabeção. Antes, merecera minuciosa escrita técnica toda apoiada em prancheta; ele, um apenas alfabetizado na escola ágrafa do mundo. Já então, só restavam, por testemunhas, daquele futebol diário, em fim de tarde quase noite, apenas seis meninos descalços e suados, ou

cinco, talvez quatro. E um era eu. (Vitória-ES).

ÚLTIMO LEVE POEMA DE AMOR DE SÍSIFO

Oscar Gama Filho

Psicólogo. Poeta. Pertence à cadeira 21 da AEL.

Fala Sísifo:

— Que diria um amor tão secreto
que nem para si seu mistério revela?
Sendo, sente que não é de verdade
e crê nessa mentira que o invade.

Abandonai, portanto, as emoções últimas
e libertai-vos-me entre suas minhas últimas vítimas,
Libertando-me do campo de concentração sentimental
em que repeti eternamente as mesmas ações,
Eu, Sísifo, deixando de rolar morro acima a montanha do amor.

Nenhuma emoção me banha
e nenhuma é necessária
à minha pacífica calma
que não precisa da emoção alheia.

Eis hoje a ilha que me rodeia:
Calma mar areia.

Itaparica, 8/12/2011

O LOBO DA ESTEPE E A ORQUÍDEA INVISÍVEL

Menino:

Vou te contar uma história para ser lida em tuas noites de insônia por alguém que te proteja de todos e de ti mesmo: pelo teu anjo da guarda.

É a história do lobo da estepe e da orquídea invisível. Uma orquídea tão invisível que às vezes – quando ela não quer – não existe. E às vezes existe mais do que a realidade. É só ela querer. Mas o que ela quer é um segredo que tua boca delicada sabe, mas que jamais conta ao teu ouvido. É que tua boca e teu ouvido não se entendem.

Talvez não saibas, mas por séculos os botânicos procuraram, por meio dos artificios da genética, obter uma rosa azul. Se não fossem tão obcecados pela busca científica do impossível e do desnecessário, se não estivessem tão empenhados em vencer Deus, por certo teriam tempo para fazer poemas e se contentariam com as inesgotáveis belezas naturais já existentes – muitas delas ainda desconhecidas, à espera de que um olho em busca da beleza as encontre.

Uma dessas belezas desconhecidas, guardadas por anjos para um tempo em que os homens se entendam e se amem, crescia – e cresce – na estepe, na solitária e assustadora estepe. E ela mesma, para fazer frente aos sustos que a sua fragilidade sofria, se tornou assustadora, e disfarçou com defesas, distância e horror a sua necessidade de ter – próximos dela – seres que a amassem e que a admirassem. E, naturalmente, que ela amasse e admirasse.

E, de disfarce em disfarce, sua arte de camuflagem chegou a um requinte extremo: ela se tornou invisível. Como sabes, ela era uma orquídea. E uma orquídea extrai sua seiva da vida de outro ser. Sua beleza, inegável, existe por si só, mas depende, para se manter viva, de outras plantas. Isso não importa muito, pois a beleza não tem sentido se alguém não a admirar e não a cultivar. Mas o fato é que aquela orquídea, mais bela do que a rosa azul, almejava não a uma planta para parasitar, não a um vegetal que, apesar de vivo, jamais andaria pela terra, jamais procuraria emoções e aventuras, jamais viveria realmente – segundo o que a orquídea considerava vida.

E era assim a nossa orquídea invisível. Inegavelmente bela, mas sem vida própria, sem poder extrair diretamente do solo os alimentos e o ânimo de viver. Logicamente, isso a lançava em intermináveis crises de depressão. Orgulhosa, era-lhe difícil admitir que, sozinha, morreria, que necessitava de ficar, de estar sempre junto com outros que lhe emprestavam a luz que, como o halo das cabeças dos santos, lhe contornava as formas. E dela, da orquídea sem cor – ou de uma cor além da cor –, só se via a luz.

Mas um dia a sua vida se modificou. Surgiu no horizonte o lobo da estepe, o mais típico dos animais característicos da estepe. Ele vinha solitário, pois o lobo da estepe só anda sozinho, mesmo quando acompanhado. Quando muito, ele admite a presença de uma companheira, com quem dividirá seus sonhos, sua alma e – se houver necessidade – seu corpo. Com quem ele dividirá seu corpo, não como forma de prazer, mas como forma de alimento. Pois, mesmo amando a vida, o lobo não tem medo da morte, e isso o faz fraco. De que vale ser forte? Se, sem alimentação disponível, sem caça pela aridez, a companheira passar fome, ele cortará um pedaço desnecessário de si mesmo – em geral o cérebro, porque de nada adianta pensar – e ambos se banquetearão.

Esse animal paradoxal, feito de força e fraqueza, se assustou, parando junto à orquídea, com o cheiro de contradições convivendo na absurdidade que dela se desprendia. Seus olhos, acostumados ao nada e à solidão, foram os únicos a captar a forma, a luz, a beleza e a invisibilidade da orquídea. Seu uivo e seu farejar assustaram, no entanto, a orquídea, que, de tanto medo, transformou uivo e farejado em beijo, não de bocas, mas de almas.

Sua alma se incorporou à do lobo e, sugado pela alma, seu corpo penetrou no dele, e ambos se devoraram. Para os que observavam, era guerra. Contudo, era amor. Depositados e fundidos um no outro, corpo de um sendo corpo do outro, alma de um sendo alma do outro, enfim se saciaram. Sendo um o outro, o um pôde comer o outro, que era ele mesmo, e gostar do outro e, naturalmente, gostar de si mesmo, que era o outro.

Praia de Itaparica, 15/2/2014

LIXO PASSADO A LIMPO

Não jogue fora seu passado.
Você pode precisar dele no futuro
para voltar a si mesmo.

Já que você é o fruto dessas memórias
e de outras, inconscientes, de que já se esqueceu.

Mas de onde eram elas,
Era eu o que não me era ainda.

E, vindo assim,
O cinzel de cada minuto me esculpiu por eras.

O pouco que há para se acertar
o dia o fará, por certo,
Por conspiração do universo.

Não jogue fora o passado que o espera
agora, não em outras eras,
Mas na inteligência de suas células.

1 minuto antes não seremos brasas.
E 1 minuto depois não seremos cinzas.

Na natureza, tudo se transforma no eterno
do inconsciente coletivo fraterno.
Das cinzas renascemos qual fênix
por você me ler feliz, ressuscitando-me.
Você, leitor irmão, em que eu gravei meu nome.

Casamar, 11/6/2023

CALUNDU¹²

Marilena Soneghet

Havia um conto chinês: o imperador amava tanto um rouxinol que cantava em seu jardim que ordenou o engaiolassem em dourada prisão, com água, comida e carinho. O rouxinol, cativo, não cantou mais.

Sou meio anarquista – aborrece-me nosso modo de vida. Estamos, todos, consciente e consentidamente presos a obrigações e conveniências, aos laços sociais que nos atam, aos enlaces afetivos que nos unem. Somos cativos de nossas próprias escolhas, mesmo as guiadas pelo coração. A palavra cativar é ambígua: é seduzir e é prender. Mas o coração é um pássaro que anseia pela liberdade. Há dias em que o sinto se agitando.

Hoje, por exemplo, parece-me tudo errado: moro cercada de casas quando anseio pela amplidão; queria poder abrir as janelas e portas e, em lugar de muros, avistar campos, matas, montanhas, dunas, mares, confins de horizonte onde desmaia o céu. Nada de barulhos: carros, rádio de vizinho, alto-falantes. Só os sons naturais: o vento, o marulhar da água, o farfalhar das ramas... a fala dos bichos. Queria, a qualquer momento, num dia qualquer, sem plano ou aviso –quando me desse na telha–, simplesmente poder sair por aí, em direção incerta, para a surpresa das descobertas. Sair por aí com um boné na cabeça, borboleteando as flores, assobiando alegre, aligeirando o passo pra lugar nenhum; só pelo prazer de andarilhar! Esses anseios intensos de não sei o quê me atacam de vez em quando; não dependem de estar a vida boa ou difícil. É uma inquietação de asas.

Quisera, quimera, a liberdade do vento.

Algumas das sensações mais fortes de liberdade e espaço aberto que já vivenciei foi na adolescência, quando eu tinha a mania de, ao pôr do sol, nadar em direção ao mar alto até cansar. Boiava, então, deixando-me levar pelo balanço das águas. Nessa hora mágica, o mar se tornava cor de prata, um mar de mercúrio; o céu, a cada dia

¹² Esta é uma bcrônica, um dueto literário, nova subespécie de crônica, em que o tema é o silêncio. As partes foram escritas separadamente.

diferente, nas cambiantes luzes do crepúsculo. A noite se insinuava. Acontecia a primeira estrela. Por vezes uma Lua imensa, dourada, surgia das águas. Eu era apenas uma figurinha minúscula, entre a amplidão do céu, a imensidão do mar, a sofreguidão dos ventos. Livre – era ninguém e era tudo.

Nesse então, eu não conhecia o medo.

“A minha casa fica lá detrás do mundo, onde eu vou em um segundo quando começo a cantar” (Lupicínio Rodrigues) – isto me restou: a liberdade cantando interiormente. A fantasia, a imaginação contínua. Que maravilhosa faculdade, a do espírito, de poder criar a nosso bel-prazer, cenas e situações, baralhar ideias, inventar. Às raias do surrealismo, combinar arte, sonho, realidade em amálgama. Sem sair do lugar, viajar, indo mais longe que os pés, além dos abismos e dos voos mais audazes, “arrancar da sombra para o infinito azul” (Machado de Assis).

Hoje estou em comichão de asas. Ouço gorjeios presos. Cativo rouxinol. Ai!

Quisera, quimera... chii, mano, repare não; é só um calundu... Vai passar!

Meu pai dizia sempre: – “Todo poeta é um solitário”. Ele o era -- e, sem entender, eu sentia o mesmo desde pequena. Até que aprendi a ser poeta e solitária. Só que eu continuei “criança” e descobri a solidão – que é a solidão sem dor, povoada pela multidão de nós mesmos, com quem, em silêncio bastante, plenamente conversamos.

Casa dos Ninhos, 27-5-2023, 06h 44m

PROCURA II

Oscar Gama Filho

Procuo ir para onde ninguém me conheça, onde haja menos que o som silencioso da natureza, onde eu possa ouvir minha própria voz calada: sim, palavras mudas, até delas me cansar de ouvir.

A contínua procura de uma alma-irmã telepática não me contamina: mas um prossegue em elo no outro não encontrado. Assim vou me redescobindo e volto à minha essência quântica, desnudando-me do que me foi acrescentado, mas que não é meu, por melhor que seja!

Procuo aquilo que não me é. Ou, por outra, que mesmo me sendo, não me é, no sentido literal do que já fui. Procuo o sentido anímico, renegado por ser inútil e anêmico.

Procuo o sentido supremo dos mortos-vivos, que não ouvem nem falam. No entanto, possuem uma visão interna melhor do que a de um deus que, num dilúvio de imagens, consegue ver o alfa e o ômega, o princípio e o fim quânticos. Exceto o fim dele ou o meu, os dois eternos na guerra de imagens que atravessam nossos confins.

Então olho em volta, só, enfim sendo além do que estou agora mais feliz, pleno no silêncio único em que me fiz menos que ínfimo. Invisível e inaudível: mas amável e habitável, bem melhor do que eu era assim.

Casamar, 25-6-2023

DOM QUIXOTE E SANCHO NO CAMINHO DE SANTIAGO (SEGUNDA PARTE)

Pedro Sevylla de Juana

(Membro correspondente da AEL na Espanha,
trinta e dois livros publicados).

(Da resolução tomada pelo vencido cavaleiro, de visitar Santiago durante o imposto sossego.)

Fugindo das calçadas reais, da fêrvida
Altisidora que inquieta o da Mancha,
da duquesa, com o escudeiro tão atenta;
fiel dom Quixote à sua amada Dulcinea
e à sua natural Teresa Sancho Panza,
tomam em Barcelona a rota pirenaica.

Resolvem, escudeiro e senhor, em proveitoso diálogo,
fazer-se perdoar do Céu compassivo,
tanto os erros muitos como os muitos pecados,
percorrendo piedosos o Caminho
que leva ao sepulcro do apóstolo Santiago.

Foram obtidos salvo-condutos e licenças,
sem ditar -como se estila- testamento,
mochila e abóbora acomodam, saial e roseta
e em fortes bordões apoiam seu empenho.

Vislumbram Somport mais seguem adiante,
desejoso o Cavaleiro da Figura Triste
-mais triste que nunca nesse instante-
de ver no abrupto Roncesvalles
a pegada de Roldán tão admirada
e dos conhecidos Doze Pares,
da espada em pessoa transformada,
a bem forjada Durandarte.

Passam as noites de claro em claro,
porque aflige o cavaleiro a promessa absurda,
de não tomar armas durante um ano,
arrancada pelo de «A Branca Lua».

Torturam o escudeiro impedindo-o dormir,
os açoites insatisfeitos prescritos por Merlin;
única medicina contra o encantamento da sem par Senhora,
que sendo princesa se trocou em labradora
De Roncesvalles partem buscando seu destino,
Dom Quixote e Sancho, inusitados peregrinos.

Trás o descarnado cavalo e o jumento pardusco,
a pé chegam por Viscarret até Pamplona,
Monreal, Estella, Nájera e Burgos.

Na Cidade do Cid, herói que o Engenhoso elogia,
o rústico sucumbe ao embelezo
do dispositivo que move na catedral o papa-moscas;
e assombra o fidalgo nos seus pensamentos,
que das pétreas torres as pontas
não cheguem a tocar as nuvens dos Céus.

Açoitado Sancho pela graça do destino,
consegue da fortuna desigual
alcançar um bom partido,
pois cobra a meio real
os açoites avaliados a quartilho.

Cento e trinta lategadas se dá
Sancho, com áspera corda de resseco esparto.

Os moços castiga em verdade sobre seu lombo,
equilibrando assim as patadas recebidas,
ao recolher de um frade os despojos,
na aventura da princesa biscainha.

E o magro dom Quixote jejua
para reforçar o efeito da tunda.

Em Castrogeriz e em Boadilla detêm-se
e sem temer o sangue que produz o dano
pensando em dá-las aos almocreves
duzentas chicotadas se dá Sancho.

Em Frómista, acendidos os semblantes
ante São Martín de traça esplêndida,
segundo o esforçado andante
do românico a fábrica mestra,
cento e setenta pancadas de castigo
a quem o mantearam na pousada,
aplica Sancho no tronco amigo
que segura sua cabeça alçada.
E os dá com tanta raiva que em um ano
não poderá vingar-se de nenhum outro adversário.

Exalta Dom Quixote o afã posto no castigo,
do qual julgava incapaz o seu escudeiro,
de carne frouxa e espírito tranquilo;
e a baixo custo em boa hora,
mil seiscentos e cinquenta reais,
já vê em Dulcineia, deixada a aparência de pastora,
a princesa mais formosa que registram os anais.

O corajoso cavaleiro do olhar triste,
em Villasirga revela a quem sempre o acompanha,
que nesse povo afortunado existe
um tesouro único na Espanha.

Santa Maria é a templária igreja que faz de arca:
Pantocrátor, Apostolado, Anunciação, Epifania,
ao retábulo maior, aos sepulcros e à Virgem Branca
que o Rei Sábio louva em suas Cantigas.

Um ferredouro humano representa o Caminho.
formigam por ele gentes bem distintas:
estudantes, patifes, reis, soldados e mendigos,
que falam da Europa as diferentes línguas,
intercambiam culturas sedimento de séculos
e as bem entesouradas experiências;
enchem templos, refeitórios, hospitais e abrigos,
descansam, rezam, curam chagas, se alimentam.

A estepe castelhana descobrem com assombro,
campo despovoado em favor das cidades
dizimado pela peste e o imã do Mundo Novo.
A expulsão de judeus e mouriscos,
a Inquisição e a barbárie repressiva,
chega a ver um dom Quixote intuitivo,
fidalgo para quem o trabalho não é estigma,
entre os males que levam a Castela,
em prata americana submergida,
à dependência exterior e à pobreza.

Torna em Carrión o escudeiro às duras disciplinas,
e diante do magnífico Salvador da igreja de Santiago,
cento e quarenta e oito lategadas se propina,
fustigando o galeote roubador do asno.
E sem prudência alguma engolem pão e vinho,
convento de San Zoilo refeitório e claustro,
pétreos retratos de monges distinguidos.

Antes de entrar em Sahagún, da oitava etapa cabeceira,
segundo o Codex Calixtinus no seu texto sábio,
em um hospital assentado do Valderaduey na ribeira,
alivia o escudeiro suas feridas com um bálsamo,
que sem ser o de Fierabrás obra excelências;
mas a lança atada a Rocinante não floresce,
como acontece na lenda que dom Quixote evoca,
onde o próprio Carlomagno se intromete.

Atravessam o Cea pelo caminho romano,
onde Panza, pensando nos reais prometidos,
duzentos cardeais acrescenta a seu espinhaço,
destinados ao maior enredador existente e existido,
conhecido em todo o mundo como Merlin o Mago;
e tomando de Mansilla das Mulas o caminho,
chegam a León de um só tranco.

Admiram de São Isidoro a trabalhada pedra,
as obras da Catedral e de São Marcos,
e na margem verde do Bernesga,
pelo menos cento e noventa lategaços
recebe queixoso o escudeiro com empenho,
posto o vingador afinco nos velhacos
que em Barataria remataram seu governo.

Em Rabanal diminui o desânimo que a alegria impede,
célebre Casa das Quatro Esquinas,
pois estão perto de encontrar o Rei Felipe,
peregrino entre soldados de uma escolta reduzida.

Seguindo o uso enraizado,
na Cruz de Ferro depositam as pedras trazidas,
os rodados cantos.

Ponferrada, Carracedo e Villafranca,
os veem passar sobre as bestas,
a coragem decaída e muda a palavra.

De pão e água se alimenta o cavalheiro em despovoado
e de caldo de convento em hospitais e hospedarias,
de modo que os seus agudos traços
parecem afilar-se na comprovação diária.

Os açoites que enriquecem o bom Sancho
longa conta confiada à memória frágil,
brunhem o espírito deixando o corpo algo esmagado.

Não são despojos de encarniçada luta,
são romeiros que peregrinam a Santiago
e pastores serão quando concluem.
De Triacastela a Palas, na tardinha esplêndida,
desde o longínquo Monte do Gozo,
alcançam a visão da idealizada Compostela,
enchendo de lágrimas seus olhos.

Entram no Obradoiro como se fosse o Céu mesmo,
com idêntica humildade e devoção parceira
jubilosa sensação de prediletos.

O pórtico da Glória, solidez ademais de equilíbrio,
lhes entrega a catedral e as relíquias
ocorrendo ali o prodígio:
a mente de dom Quixote se equilibra
e Sancho se converte em erudito.

Aceitada a verdade dos que consideram mentiras
as descomunais e enredadas ocorrências
contadas nos livros de cavalaria,
Quixote e Sancho voltam à aldeia,
onde o sacerdote e o barbeiro, a ama e a sobrinha,
conhecedores do regresso, os esperam.

PSdeJ El Escorial 4 de mayo de 2021

DISCURSO DE POSSE

Renata Bomfim

Doutora em Letras. Ambientalista

Excelentíssima senhora Presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Profa. Dra. Ester Abreu Vieira de Oliveira. Excelentíssimo senhor Álvaro Silva, secretário da Academia Espírito-santense de Letras. Excelentíssimo Prof. Dr. Francisco Aurélio Ribeiro, por quem tenho a alegria de ser apresentada nesta noite. Excelentíssima Senhora Dafne Bilich, filha da acadêmica Jeanne Bilich. Excelentíssimos senhores acadêmicos, Excelentíssimas senhoras acadêmicas. Senhoras e senhores, Boa noite!

Estou aqui hoje porque recebi o voto de confiança de meus pares. Obrigada aos confrades e congreiras que me agraciaram com os seus votos, prometo dar o melhor de mim para corresponder a essa confiança. Obrigada Professora Dra. Ester Abreu Vieira de Oliveira, amiga e mestra com quem tenho caminhado desde o doutorado na UFES, quando me orientou nos estudos sobre a poesia de Rubén Darío e, depois, na Academia Feminina Espírito-santense de Letras, quando realizamos juntas a maior feira literária já realizada no ES, a 6ª Feira Literária Capixaba. No meu percurso no campo literário, não posso deixar de agradecer também a presença da professora, poeta e amiga Maria Lúcia Dal Farra, que me acolheu no grupo de pesquisa do CNPq “Florbelas Espanca, et ali...” antes mesmo de eu ser aprovada no mestrado da UFES.

Ao Luiz Alberto, eu agradeço o amor que tem me dedicado ao longo desses 30 anos: Hoje, para nós, é primavera meu amor, minha luz! Sinto-me honrada e feliz por assumir a cadeira de número 7, antes ocupada por personalidades da cultura que contribuíram enormemente para com o desenvolvimento da nossa comunidade capixaba.

Minha formação, marcadamente multidisciplinar, teve início no Centro de Artes da UFES, foi quando descobri, com a mestra Fredda Cavalcanti Jardim, a magia do mosaico. Fui a primeira aluna do Centro fazer o trabalho de conclusão de curso sobre essa arte que

é conhecida como “a pintura eterna”. Comecei a vida profissional quebrando pedras e buscando o sublime escondido no material mais bruto, jovem ainda, eu não conhecia a dureza e a sublimidade que a palavra pode adquirir dentro do campo literário.

A especialização em arteterapia, posteriormente, abriu caminho para as pesquisas no campo da saúde mental, foi quando passei a seguir os passos da Dra. Nise da Silveira, psiquiatra rebelde que, na década de 1940, mostrou ao mundo o potencial curativo da arte. Foi conjugando a mosaicista e a arteterapeuta que construí uma carreira no campo da assistência psicossocial. Falarei, agora, sobre o Patrono e os(as) acadêmicos(as) da cadeira nº 7, pessoas que cimentaram um caminho, dentro da AEL, o qual tomo como meu, com o compromisso de trilha-lo.

O Patrono é o carioca José Fernandes da Costa Pereira Júnior, nascido em Campos, em 1833. Costa Pereira formou-se Bacharel em Direito e, aos 23 anos, passou a advogar. Personalidade relevante no cenário político nacional, em 1861 assumiu o cargo de presidente da Província do Espírito Santo, dedicando-se ao fomento da colonização italiana e alemã. Atuou, ainda, como Presidente, nas províncias do Ceará, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Foi Deputado pelo estado do ES, trabalhando também como Ministro do Império nas pastas da guerra, da agricultura, do comércio e de obras. O nome do Patrono foi imortalizado na praça localizada no coração da nossa capital, conhecida por todos como “Praça Costa Pereira”. Da janela desse belíssimo monumento arquitetônico e artístico que nos acolhe nessa noite memorável, que é o Centro Cultural Triplex Vermelho, podemos observar, além da referida praça, que é palco para manifestações populares e local de trabalho de muitas pessoas, o pulsar de uma parte singular da nossa história.

Nada como uma mulher para narra histórias de outras mulheres. Maria Stela de Novaes, na obra *A mulher na História do Espírito Santo*, nos faz saber que o centro de Vitória “tinha suas doceiras de tabuleiro na cabeça, tipos queridos populares que vendiam além das cocadas, quindins, papos d’ango, arroz doce e bolinhos”, muitos desses quitutes eram vendidos às alunas da Escola do Carmo. Stelinha, como carinhosamente era chamada a historiadora, também conta

que aqui no Centro existia uma tal “Pitonisa” conhecida como Vitória-Bibi”, essa “preparava o arroz do Sacramento, que era vendido às quintas-feiras, e que tinha poderes sobrenaturais contra feitiços. Histórias que refletem o caráter imaginativo dos(as) cidadãos(ãs) vitorienses e mostra o quanto esse território é fértil para a fabulação. O Centro Cultural Triplex Vermelho, em 1896, abrigou o Teatro Melpômene, primeira edificação a receber luz elétrica em Vitória. Após um incêndio, o teatro foi desmontado e suas colunas metálicas utilizadas por André Carloni na construção do Teatro Carlos Gomes, anos depois, o espaço foi utilizado como Hotel.

Volto a cadeira nº 7 destacando que foi o primeiro ocupante, Aristeu Borges de Aguiar, quem escolheu Costa Pereira como Patrono. Possivelmente, a motivação para a escolha seja decorrente do fato deste também ser jurista e político. Borges de Aguiar é natural de Vitória e nasceu em 1892. O acadêmico foi Promotor Público, Procurador Geral do Estado, Diretor da Imprensa Oficial e Secretário da Presidência do Governo Florentino Avidos. Em 1928, foi eleito Presidente do Estado do Espírito Santo e veio a falecer em 1951, aos 59 anos, sendo sucedido por Placidino Passos.

O segundo ocupante da cadeira nº 7 nasceu em 1892 e, assim como o Patrono e o seu predecessor, foi advogado. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Espírito Santo, atuou como professor e dirigiu o Departamento de Educação da Secretaria de Educação e Cultura do Espírito Santo. Foi membro do IHGES e Deputado Estadual entre os anos de 1947 e 1951, produzindo textos literários e históricos para a imprensa local. Placidino Passos faleceu em 1984.

O terceiro ocupante da cadeira nº 7 foi o mineiro Homero Mafra. Nascido em 1823 e natural de Itanhandú. Mafra foi Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e trabalhou como advogado, fazendo carreira como Magistrado no ES. Atuou como Juiz de Direito em diversas comarcas e, em 1974, ascendeu ao cargo de Desembargador, destacando-se como um magistrado íntegro e humanista. Assim como Placidino, que foi Secretário de Educação e Cultura, Mafra uniu o amor pela escrita ao Direito, atuando como Professor de Literatura e de Direito Civil, além de trabalhar como jornalista nos Diários Associados.

Valdir Vitral foi o quarto ocupante da cadeira nº 7. Nascido em 1926, no município de Alegre, Vitral foi juiz de Direito e, assim como seu antecessor, foi professor de Jeanne Bilich, jornalista e escritora que o sucederia na AEL. Jeanne descreve Vitral como “querido Mestre, precioso e confiável amigo”, alguém com quem ela afirma ter estabelecido “laços de convívio amigável, que transcenderam a hierarquia que norteia as relações entre professor e aluno”. Uma “Alma sensível e nostálgica!”, que encontrou na literatura uma “via libertária” que lhe permitiu “fazer uso das asas da liberdade, associada à transparência anímica, para desvelar o seu íntimo “eu”: sentimentos, emoções, solidão, esperanças e penares”. Valdir Vitral produziu uma obra jurídica profícua, além de textos literários como “Antologia da Saudade” e “Vitrais”, livro autobiográfico, de 1997. Ao fazer o mesmo exercício que faço agora, — passar em revista a contribuição dos antecessores — Jeanne lembrou-se de haver (re)encontrado seu professor e amigo, Valdir Vitral, já nonagésimo, reunido com familiares num restaurante em Vitória. Destacou que, os olhos do seu mestre, “incendiaram-se e luziram intensamente” ao vê-la, reativando no seu coração a “Recordação imorredoura”, “explícita e agridoce” da saudade.

Jeanne Bilich foi a primeira mulher a ocupar a cadeira número 7, ela foi eleita para ingressar na AEL no dia 10 de junho de 2013. Não tive a alegria de conviver com Jeanne Bilich, via-a na televisão, presença marcante, uma figura que não passava despercebida, tanto pela exuberância dos cabelos volumosos e cacheados, quanto pela sua voz forte, sorriso aberto e jeito particular com que se comunicava com o povo capixaba. Entretanto, um dia, tive a oportunidade de passar com ela preciosos minutos dialogando sobre livros, filmes e gatos. Eu havia ido ao shopping procurar um filme e lá estava ela, imbuída da mesma missão, passamos a conversar e a identificação foi imediata. Ela me indicou alguns clássicos como “E o vento levou”, de 1940. Dos filmes passamos aos livros e dos livros, aos gatos, ela me contou sobre o seu Nietzsche e eu lhe mostrei fotos do meu príncipe felino, Elvis. Recentemente descobri mais uma paixão em comum com Jeanne, a ARTE DA MAGIA. Jeanne chamava a sua casa de “A casa da Bruxa” e eu, na década de 1990, reuni um grupo de mulheres denominado “Confraria das Bruxas”, nosso estandarte era uma vassoura rústica, presenteada por uma amiga, Jamile, que a trouxe de

Itarana. Foi essa mesma vassoura que me acompanhou quando fui tomar posse na Academia Feminina Espírito-santense de Letras, e que causou repúdio e horror em algumas acadêmicas.

Hoje, dia 21 de março, Dia Nacional Contra Discriminação Racial, essa mulher negra toma posse na AEL, sucedendo outra mulher, algo inédito na instituição, na cadeira nº7, em um dos endereços mais tradicionais da capital, a Rua Sete de Setembro, que faz entroncamento com a rua 13 de Maio e em um dos prédios mais belos e históricos do Estado, o Triplez Vermelho, espaço de luta e resistência progressista. É muita luz e alegria, deve haver alguma magia envolvida nisso tudo! O confrade Álvaro Silva me mostrou imagens da casa de Jeanne, linda de viver! Na decoração, havia uma bruxinha de roupa roxa altivamente postada à frente da imagem de um cavaleiro do Barroco, enquanto, reunidas próximas, outras feiticeiras formavam uma confraria bem ao estilo “Abracadabra”, filme de Anne Fletcher. De frente para uma réplica da Pietá de Michelangelo, havia um sofá de veludo azul, como que flutuando sobre um tapete, também azul com flores brancas; no centro da sala, uma mesinha octogonal de madeira repleta de pequenos objetos. Na parede, logo adiante, saltaram aos meus olhos as imagens renascentistas de Adão e Eva, pintadas por Albrecht Dürer, devidamente emolduradas de forma individual e separadas por outras imagens e objetos. Eva, ao lado do interfone, tinha o olhar voltado para o Adão de Rodin, figura musculosa, posicionada mais abaixo, na mesma parede. Observei, ainda, a presença amorosa dos gatos Nietzsche e Baudelaire. Espelhos, chapéus, plantas, cristais, incensos, relógios antigos, LPs, CDs, DVDs, bibelôs, e muitos livros criavam uma espécie de bricolagem. É certo que Jeanne Bilich transferiu para a sua escrita essa forma “encantada” de ver o mundo.

A biografia de Jeanne foi registrada no livro Prisioneira da liberdade: Jeanne Bilich: vida e obra, organizada por Francisco Aurélio Ribeiro, com notas críticas de Álvaro José Silva e estudo crítico de minha autoria. Esse livro, lançado em dezembro de 2022, conta ainda com textos comoventes, escritos por Dafne Bilich e Mirian Bilich, filha e irmã de Jeanne.

Jeanne Figueiredo Bilich nasceu no Rio de Janeiro, em 1948. Filha de Miroslavo Bilich, um engenheiro químico, poliglota, refu-

giado da Croácia e de Jocondina Figueiredo Bilich, professora e filha de uma tradicional família mineira. O casal teve mais dois filhos, Mirko e Mirian. Foi a morte precoce de seu pai, aos 51 anos, que levou a menina Jeanne a aportar em terras capixabas, aos 12 anos, quando foi estudar como interna no tradicional Colégio do Carmo, onde sua tia-freira, a irmã Maria Luiza de Figueiredo, lecionava. Para Jeanne essa foi uma “experiência dolorosa”, pois, segundo a escritora, “além da perda da liberdade pessoal”, “oxigênio tenazmente perseguido por seu pai”, e que levou-o a “cruzar o Atlântico”, ela ficou alijada do convívio familiar e de tudo o que lhe “alimentava o espírito”: “jornais, rádio e televisão”, “cinema”. Esse foi o seu “tempo do vinagre” e fez com que a liberdade se tornasse a sua “estrela guia e soberana”.

Foi em 1964, que Jeanne afirma ter reconquistado a “liberdade perdida”, mas os anos eram difíceis e a pátria se via mergulhada nos “asfixiantes anos de chumbo, ar de cianureto imposto pela ditadura militar”. Após cursar o segundo grau no Colégio Estadual do Espírito Santo, Jeanne conheceu, na Biblioteca do SESC, na praça Misael Pena, o seu “amigo, irmão, companheiro e confidente Amylton de Almeida”, com quem viveu “De e para os livros”, numa amizade que durou três décadas. Posteriormente, Jeanne fez graduação em Direito, na UNESC, em Colatina, e mestrado em História Social das Relações Políticas, na UFES, quando defendeu a dissertação intitulada “As múltiplas Trincheiras de Amylton de Almeida: o cinema como mundo, a arte como universo”, publicada em 2005.

Jeanne Bilich chegou a advogar, mas a sua paixão foi o jornalismo, e por seu pioneirismo ela é conhecida como a “Dama” do jornalismo capixaba. Jeanne foi a primeira apresentadora do Telejornal da Rede Gazeta, em 1976, atuando ainda como redatora, radialista e assessora de comunicação. No campo literário lançou dois livros de crônicas, *Zeitgeist – O Espírito do Tempo* (2009) e *Viajantes da nave Tempo* (2013). A acadêmica possui uma profícua produção de textos em sites, além de ensaios e participação em coletâneas.

Suceder essas personalidades marcantes como a sexta ocupante da cadeira nº 7 é um desafio. Não tenho a formação em Direito como meus antecessores, mas comungo com eles de uma imensa SEDE DE JUSTIÇA que moldou a minha história de vida e que pode ser observada explicitamente ou nas entrelinhas do que escrevo.

O crítico literário francês Maurice Blanchot afirma que “o domínio de um escritor é obra de outra mão”, ou seja, o autor jamais lê a sua obra, para ele essa é um segredo, e esse noli me legere faz surgir, onde não existe ainda senão um livro, uma potência, “força de afirmação insistente, rude e pungente” que nasce a partir do jogo de sentido das palavras. De acordo com o professor, escritor e crítico literário José Augusto de Carvalho, há na minha obra “versos que se constituem em pensamentos de elevado sabor, em que se mesclam o social, o político e o lírico”. Já o professor Luiz Eustáquio Soares destaca, no prefácio de *Mina*, que a minha escrita poética é, também “afetiva” e de “enfrentamento ao mal que nos embarga a todos, e antes de tudo às alteridades”; a professora Ana Luiza Vilela, observou uma “vocalização irreprimivelmente feminina”, especialmente no Colóquio das árvores; já para o seu conterrâneo, o escritor português José Luiz Peixoto “os (meus) versos, um a um, são experiências, requerem os sentidos para serem verdadeiramente entendidos”. Desde a pitoresca Granada, na Nicarágua, o crítico e poeta e Francisco de Asís Fernandes Arellano enxerga a Renata Bomfim como “poeta contemporânea, consciente de los retos que enfrenta el ser mujer em nuestros dias”, e que “teje uma mitología poética particular con um lenguaje de altos quilates”. É assim, por meio dos olhos e dos sentimentos dos leitores, que consigo enxergar a minha poesia, e fico feliz em saber que foram as palavras que me trouxeram até aqui, as palavras e os leitores. Escrever para mim é uma responsabilidade, é também um privilégio poder tocar a alma alheia e poder me irmanar com os seres do planeta e com os espíritos encarnados e desencarnados que tanto amo.

Posso afirmar que, na condição de bisneta de uma mulher que foi escravizada, ocupar uma cadeira na AEL, é também assumir o compromisso de não silenciar frente a nenhum tipo de opressão, e de persistir na luta por uma sociedade justa, sustentável e igualitária. Sou uma sonhadora inflamada, como diria o filósofo francês Gaston Bachelard, assim como a chama de uma vela, uma pessoa sensível ao drama da pequena luz.

Há treze anos, quando ingressei como acadêmica na Academia Feminina Espírito-santense de Letras, afirmei no meu discurso de posse que “O reconhecimento público de uma mulher como escritora é uma vitória para todas as mulheres”, nesse encontro agradei e celebrei as “conquistas alcançadas pelas mulheres que me antecede-

ram, e a oportunidade de fazer o bom uso da palavra para denunciar a violência que ainda oprime e mata milhares de mulheres. É fato que “o discurso feminino ainda incomoda e ameaça, mas é certo que avançamos e, ainda mais certo, que avançaremos mais, até alcançarmos o diálogo com nossos pares, até que possamos “celebrar a superação da dicotomia que transformou a todos nós em ilhas”. Acredito que hoje seja o momento de renovar esse compromisso pessoal. Não chego aqui coroadada com flores, mas com espinhos, muitos espinhos, mas estou aqui, FIRME. A escrita, mais especificamente a poesia, tem sido para mim um instrumento privilegiado de ação no mundo. Sou grata à literatura por ter me proporcionado muitos dos momentos mais marcantes da minha vida e me oportunizado aprender, viajar, pesquisar, participar de festivais, saraus, publicar e, o mais importante, parafraseando Jeanne Bilich, “amealhar um tesouro, amigos diletos, paredes revestidas de livros”, muitos gatos, entre eles o Pequeno Krishna, recém chegado, e o leitor, parte indissolúvel de uma obra.

Em 2007, quando criei a Reserva Natural Reluz, em Marechal Floriano, eu sabia que a minha vida nunca mais seria a mesma, e eu estava certa, a luta para defender o meio ambiente é inglória, mas vale cada gesto, cada ato, cada poema. É por isso que finalizo esta comunicação complementando as minhas palavras com um gesto simbólico. Nesse dia no qual se comemora, também, o Dia Mundial da Floresta, presenteio as pessoas que vieram ao Triplex VERMELHO, me prestigiar, com mudas de Pau-Brasil, no total são 40 mudas, cada uma delas identificada com o nome de um patrono da Academia Espírito-santense de Letras. A minha militância como criadora e gestora de uma reserva ambiental caminha junto com a literatura e alberga o meu desejo de ver as florestas do planeta restauradas, em especial, a Mata Atlântica, e esse sonho não se tornará realidade sem a adesão de pessoas que, assim como eu, respeitam a vida: **ESSA É A MINHA POLÍTICA!**

ALTERAÇÃO DO NOME E DO GÊNERO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Solimar Soares da Silva

Escritor e juiz de Direito aposentado

Entre as principais leis em vigor no Brasil, o Código Civil pode ser considerado como o mais importante diploma legal em todo o ordenamento jurídico do país, pois se trata de um “conjunto de direitos e deveres cujo objetivo é garantir a justiça, a ética e a preservação da igualdade entre as pessoas, desde o nascimento até a sua morte e posterior sucessão patrimonial.”

Tanto o Código Civil original, instituído pela Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, como o que surgiu, posteriormente, com a vigência da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, denominado “novo Código Civil”, previa, sem maiores detalhes, que “Serão inscritos em registro público: I – Os nascimentos, casamentos e óbitos; (...).

Sobre alteração no registro de nascimento, a Lei nº 6.216, de 30 de junho de 1975, em seu artigo 57, dizia o seguinte: “Qualquer alteração posterior de nome, somente por exceção e motivadamente, após audiência do Ministério Público, será permitida por sentença do juiz a que estiver sujeito o registro, arquivando-se o mandato e publicando-se a alteração pela imprensa.”

Está em pleno vigor a Lei nº 14.382, de 27 de junho de 2022, que, em seu artigo 56, prevê: “A pessoa registrada poderá, após ter atingido a maioridade civil, requerer pessoalmente e imotivadamente a alteração de seu prenome, independentemente de decisão judicial, e a alteração será averbada e publicada em meio eletrônico”. E acrescenta, no § 2º: “A averbação de alteração de prenome conterà, obrigatoriamente, o prenome anterior, os números de documento de identidade, de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil, de passaporte e de título de eleitor do registrado, dados esses que deverão constar expressamente de todas as certidões solicitadas.”

A Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, já permitia a mudança de nome, prescrevendo, em seu art. 56, que “O interessado, no primeiro ano após ter atingido a maioria civil, poderá, pessoalmente ou por procurador bastante, alterar o nome, desde que não prejudique os apelidos de família, averbando-se a alteração que será publicada pela imprensa.”

O Supremo Tribunal Federal (STF), no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI 4275) admitiu a possibilidade de alteração, não só do nome, mas também do gênero no assento do registro civil. Reconheceu a Suprema Corte que “A identidade de gênero é manifestação da própria personalidade da pessoa humana e, como tal, cabe ao Estado apenas o papel de reconhecer-la, nunca constituí-la”.

Importante consignar que essa nova lei não causará nenhum impacto em sua aplicação na esfera judicial, como, por exemplo, num processo de separação litigiosa, de inventário e partilha de bens..., ou mesmo em ações criminais, eis que consta da nova certidão o nome anterior e números de documentos pessoais do interessado.

